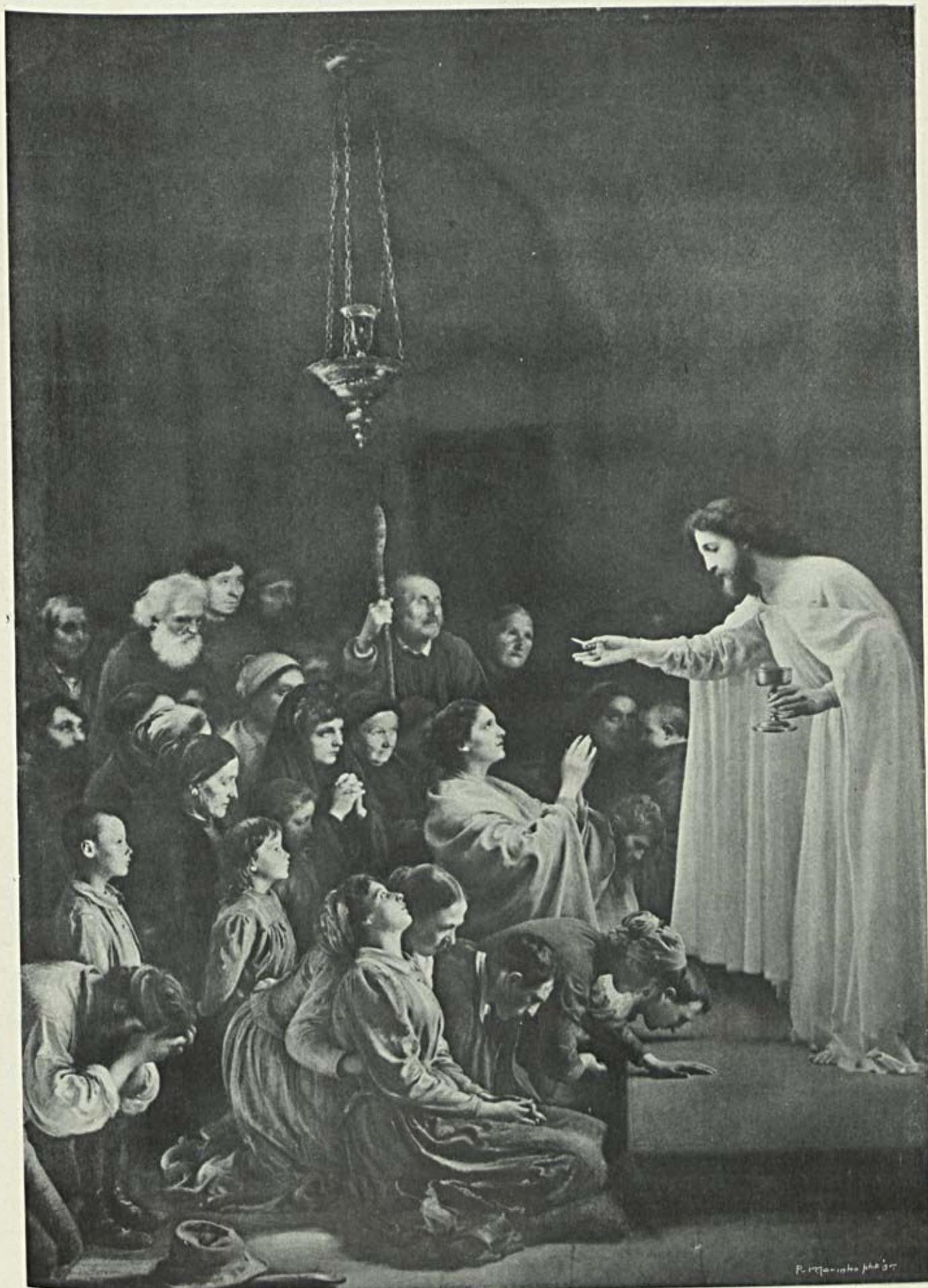


BRASIL - PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1907

N.º 197



(De J. Wencker)

VINDE A MIM!

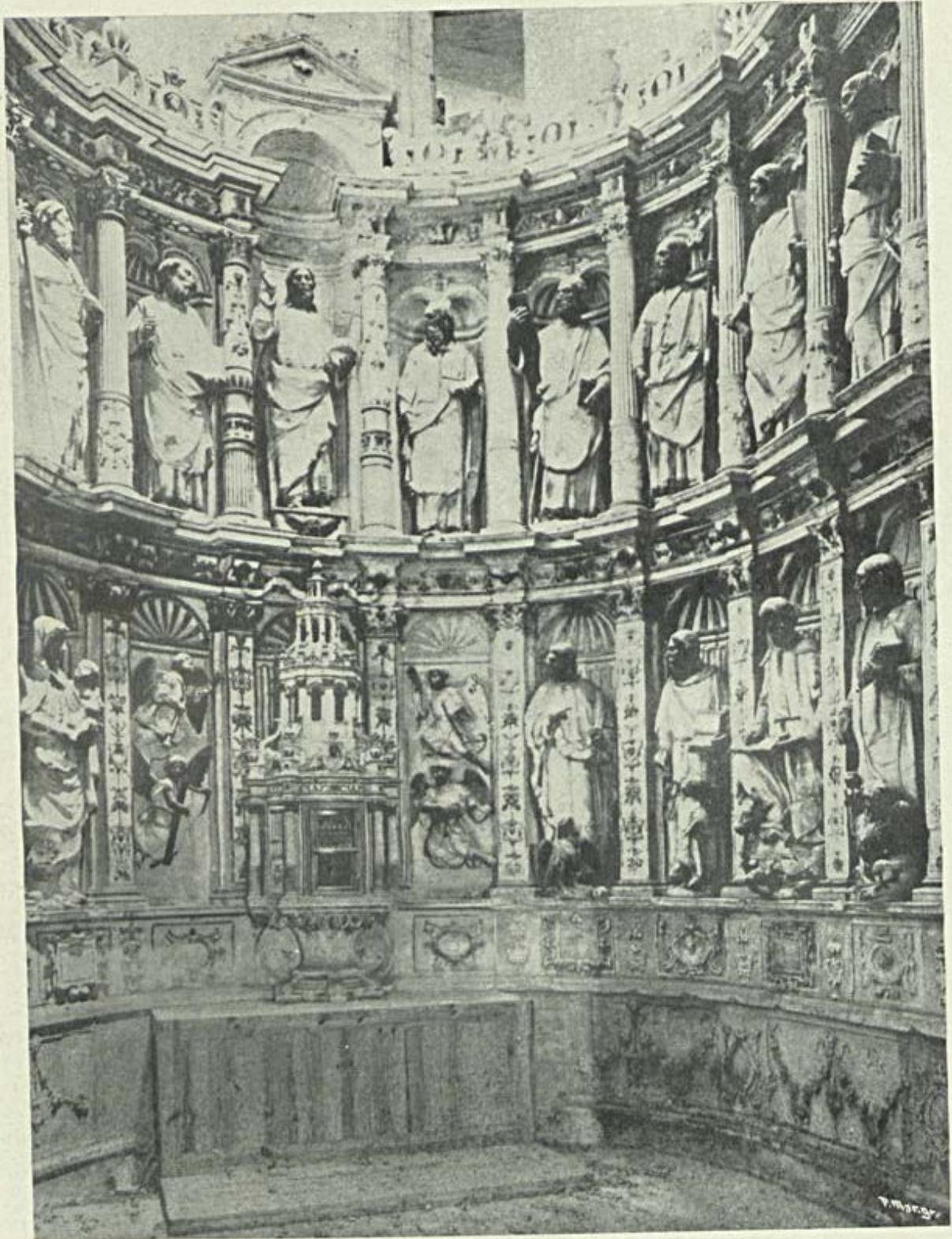
CHRONICA

A commemoração dos martyrios, da morte, e da ressurreição de Jesus foram, e continuarão a ser na semana religiosa que lhe é consagrada, o assumpto que a todos sobreleva. E se fosse tudo isso uma ficção ou uma mentira, como aos descrentes se affigura, formosa ficção, divina mentira seriam essas que ha vinte seculos orientam a humanidade, sem que

tenham podido destruil-as nem os progressos da sciencia nem os arrojos da philosophia! E bastará ponderar, para lhes aquilatar a sublimidade e a grandeza, que de todas as instituições desde a origem do Christianismo estabelecidas é esta a unica que sobrevive, é a Igreja o monumento eterno que já tem por pedestal vinte seculos vividos.

As monarchias transformaram-se em republicas, das republicas saíram imperios, os imperios desmembraram-se, arrazaram-se cidades, descobriram-se mundos, umas civilizações desfizeram outras, desapareceram os maiores monumentos da grandeza, da força e da vaidade do homem, não houve dardos nem granadas que a sciencia não arremecasse á Igreja, e no fim de tanta lucta, de

SÉ VELHA — COIMBRA!



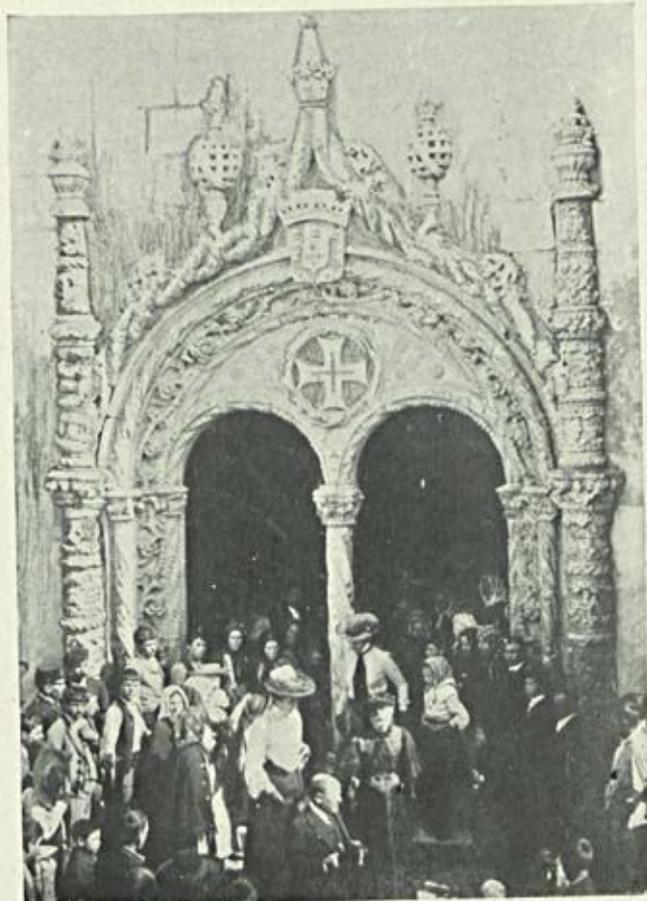
Capella do Sacramento

Notabilissimo o velho templo romanico de Coimbra. A gravura que hoje publicamos representa a capella do Sacramento com os dez apóstolos na parte superior, entre columnas, e ao centro a figura doce do Redemptor, sustentando o globo na mão esquerda. Na parte de baixo destacam-se os quatro evangelistas e duas imagens ornamentaes. Na capella lê-se a data de 1566.

tanta perseguição, de tão adversas doutrinas, de tão formidáveis embates, que é que nós vemos?

Vemos de quando em quando pronunciar-se ou avançar uma reacção de espirito religioso, uma nova onda de christianismo, que

VIANNA DO CASTELLO



Portico da Igreja Matriz

A actual duqueza do Cadaval saindo da igreja

parece subverter todas as doutrinas que se lhe opponham, derrubar os diques da impiedade, e trazer em cada uma das suas ondulações uma victoria nova. Ha momentos em que apparece como vencida a Igreja, mas, passada a tibieza, a crença resurge, desaparecido o desanimo, a fé revigora-se, e decorridos que sejam esses momentos de fragilidade, vê-se de novo fluctuar sobre a cupula da christandade a bandeira branca da victoria e da paz. E mais do que nunca, illuminada por todos os clarões da civilisação, imposta pela consciencia humana, e levantada pelo impulso de uma tradição vinte vezes secular, apparece brilhante como a estrella da manhã, eterna como a Verdade, a divisa que caiu dos labios de Christo: *Tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.*

E' á solemnidade d'esses dois dias de suprema commemoração que hoje dedica as suas paginas o *Brasil-Portugal.*

O pensamento que affluir ao cerebro de grandes escriptores, a arte que quer na poesia quer na pintura se guindou ás regiões da immortalidade, indo buscar aos assumptos da vida de Jesus as origens da sua inspiração e os modelos da perfeição suprema, tem hoje n'estas paginas a sua reprodução, artistica tambem, e bem compensados nos julgamos se formos algures despertar um sentimento elevado, uma delicada emoção, ou melhor ainda, alervorar uma crença tibia e hesitante.

Tal o nosso fim ao consagrar a maior parte das paginas d'este numero á Semana Santa.

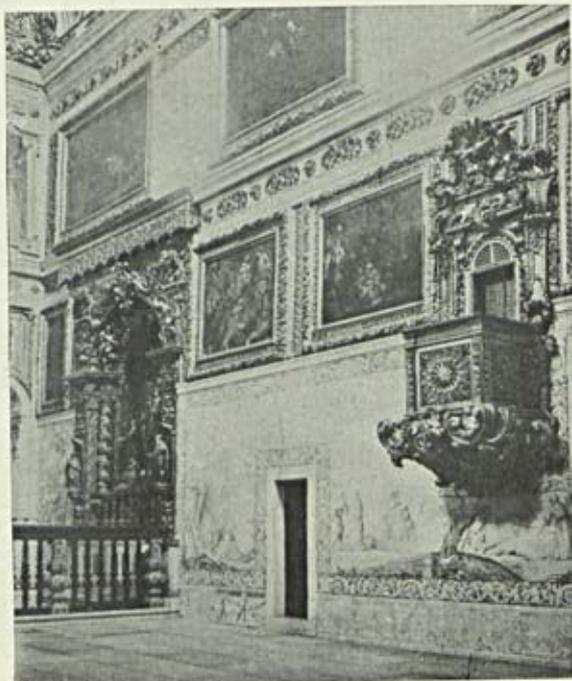
De resto seria quasi uma profanação o desenvolver e esmiuçar n'esta columna assumptos que de sua natureza sejam extranhos a tão alto e sagrado objectivo.

Afoguem-se na commovente e pratica adoração dos dias que passaram os acontecimentos que roçaram pelo nosso espirito, attrairam por minutos o nosso pensamento, e agitaram de indignação ou dôr o nosso coração.

Com o espectáculo doloroso da mãe de Jesus estancando as lagrimas e reprimindo os soluços deante do filho morto, enxuguemos as lagrimas d'essa pobre mãe que no primeiro dia da semana ultima viu esphacelado pelas rodas de um automovel o corpo ensoado em sangue de seu pobre filho, impedida ella mesma, porque tambem a carne triturada lhe gottejava sangue, de tentar em vão reanima-lo, de procurar sem resultado insuflar-lhe a vida que lhe tinha fugido. E ás lagrimas d'ella juntemos a profundissima commoção da Rainha viuva, mãe tambem, que sem ter a menor culpa

Egreja de Madre de Deus

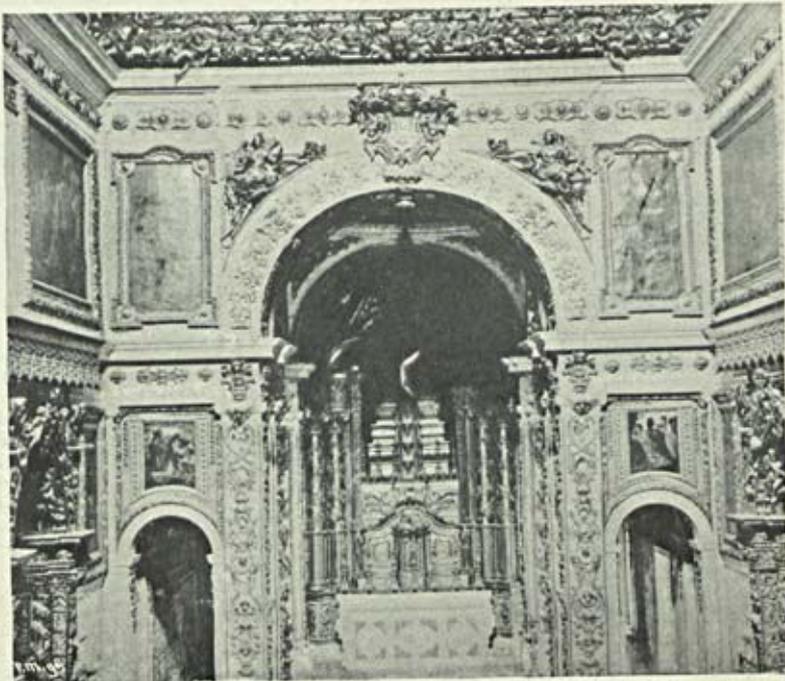
EM LISBOA



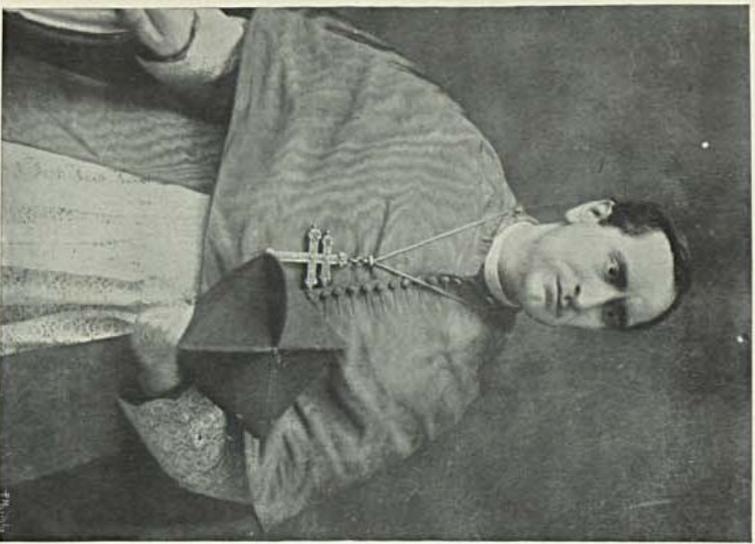
O pulpito

n'esse infortunio, o doloroso espectáculo que os seus olhos contemplaram veiu decerto avivar-lhe a lembrança d'aquelle negregado dia em que ella, rainha e mãe, se atirou ás ondas embravecidas para salvar seus filhos que ellas queriam tragar!

E porque seriam aqui deslocados, como dizemos, o registo e a critica de acontecimentos que, por serem humanos de mais, pareceriam uma affronta áquelles em que a Religião poz o cunho divino, deixemo-los uns no desprezo, outros no esquecimento, e de-



Egreja de Madre de Deus. — Altar mór



Cardenal Patrarcha de Lisboa

também nos na contemplação de mysterio-poetico e insondavel que continua a ser o alimento espiritual da christandade nos dias de penúria e Sennia sagrada. Não aviltemos com ideias profanas e pessimistas a Sennia sagrada, entrinemos um agradecimento cordial a todos aquelles que, em virtude do espirito sagrado, nos nosso appello, vieram tornar este numero do *Boa Esperança* digno do reconhecimento que celebramos e conclamamos por dar a todos que nos leem, nos estimulam e nos estimam as: *Bons Fructuosos*.

A CRUZ

—Salve, Cruz, rosa unica esperanza!
 Sannado o egoja profere n um dos seus mais bellos hymnos liturgicos, emmittio o followingo philosophia onde alguns vêem apenas attribuo theoretico do drama sangrento do Calvario, meditemos as hoqves que reesbemos da Cruz, tão eloquente na sua linguhe mudez.
 Era um patibulo infame: é o labaro da civilização. Morreu n'ella um judeu supplicado; n'ella se adora o verdadeiro Deus. Onde a Cruz campea, respiram as almas num ar salubre. Onde o orgulho e a paixão a abatem, o coração e o espirito agitam-se andando pelo bem que perduram.

A folclorado, a paz, a pureza de consciencia, a nobreza de sentimento, a dignidade do lar, a fraternidade social, a verdadeira liberdade, a equidade dos homens, irmãos pela communitade de descendencia divina e dos destinos immortaes, só medram e se mantem a sombra da Cruz.

Sa na Cruz não me chamam, Conselheira realidade, direi eu, contemplado da Cruz não o chamem Deusa para nos salvar, se a igual ao do orgullo romano humilhado. Não se de se as soltas e a paixão ao do orgullo romano humilhado. Não se de se as soltas e a paixão ao do orgullo romano humilhado. Não se de se as soltas e a paixão ao do orgullo romano humilhado.

Uaupaste, ó Crucificado, as nossas adorções? Humilhaste a natureza? Como um Simoun ardente e ten halito creoua no sobre a existencia? Fizeste a apothose do s. Firmamento, existe uma

rennuda, impossivel, multilaste a natureza humana, attribaste as suas facilidades, estendeste no leito de Procauto do mundo não basta para satisfazer? Es o erro, es a illusão, es o lagubre passado do passado?

Pois bem, Cesse o teu imperio. Rehe a verdade sobre os escombros dos teus templos. Divinemos a natureza humana, que so ella é grande, nobre e fecunda. Legitimemos os palcos. Não sacrificemos a vida presente a procura de uma chimerica bemaventurança. O mundo não se quer que se queira ao mundo e segredo das suas leis deusas e immutaveis. Compreendamos esta vasta e despendida enxada gem do meacismo universal, e renunciemos de vez aos sonhos de liberdade e de immortalidade. Saudemos na materra o Ser unico, e no homem a sua mais perfeita florescencia, o Deus por excellencia, pois que é a sua phantasia ardente quem cria a Divindade!

Somos livres, pois calamos nos pés todas as superstições. Somos eguaes nos impetos do mesmo orgulho insofrido e nos direitos a felicidade de um dia. Somos irmãos, pois descendemos do mesmo paé, o atomio eterno, e da mesma mãe, a fatalidade universal. Varios, pois, prégea a Boa-Nova ao povo. Com o camarello n'uma das mãos e o Evangelho da emancipação na outra, despechamos os egrihios d'esse Frotelben ha cerca de vinte seculos amarrado ao Poitudo da superstição.

Depois de luctas fratricidas, a torrente lodosa do vicio que tudo soverte, a humanidade offerece voltando-se na lama em procura do oro, seu unico deus. O egoismo artefice os corações, o odio atea incendios, a indisciplina allie as sociedades, a familia vê os seus laços afrouxarem. A nevrose, em busca de requintadas sensações, inventa cada dia novos desvarios. O suicidio multiplica as suas victimas, o crime vê engrasadas as suas hostes. O riso escamotja subterfuge a admiração, a blasphemia grossiera irrompe dos labios desfeitos da prece.

Uns, e são os menos, obshinados na sinistra empreza, affirmam que do cahos sahirá um novo mundo, que o inferno social é a antecâmara do verdadeiro paraizo que preparamos aos vindouros; que da podridão da semente se gera a arvora frondosa.

Outros, perdida a confiança na efficacia moral das suas doutrinas, redigiam-se no scepticismo risonho e culto, ou no pessimismo e esteticismo de um certo da necropole do seu passado languinquo.

Os que não renegaram da nobreza moral, nem logreram suffocar as aspirações da alma, creada para a verdade e para o bem, volvem melanholicamente os olhos para a Cruz: saudam-na de longe, sondando a profundidade do abismo que o ella os separa. Supplicam-he que não ponha termo as irradições da luz e aos effluvios do amor que illumina os espiritos e dá vida a todos os seres. Não se dá, bobando como a brava Opheila sobre as aguas do lago Ischani da incredulidade. Saudam em Jesus o morphiista incomparavel, o doce philosopho, o moeste sem igual. De boa mente lhe confiam o sceptro do reino dos espiritos, se elle renunciasse a uma divindade incomparavel com a nossa autonomia, a mysteriosa offensivos da trazo, a uma Igreja inimiga da liberdade. Lamentavel cegueira! O abismo que da Cruz vos separa só o pode transpor a fé, que tem por mãe a humanidade.

Ohne para a vossa obra. Não basta para vos tornar o especular, e depois de tanto destruyr? Quereiros saber o que somos, d'onde vimos, para onde vamos, qual é a nossa regra e o nosso ideal. Quereiros ser felizes e precisamos de saber onde encontraremos a felicidade.

A dor, o soffrimento e a morte, temerosas esphingas, propoem nos pungentes enigmas. O mysterio certo nos por todos os lados e todavia a tranquillidade e a paz ao espirito e ao coração? Alendos as palavras da vida eterna? Se as não tendes, deixae a humanidade delecta o grão amonico de consolação e de amor, que era vos adorado o Deus crucificado. Altrae os olhos a uma luz melhor, não: con-

fundas os devaneios orgulhosos do vosso espirito com o verdadeiro da sciencia e dohrte commoco o joelho perante a Cruz, saudando n'ella a unica esperanza da humanidade que soffre!

J. FERNAO DE SOUSA.

A Sé d'Evora

Como grandiosa coroa mural da velusta cidade de Sertorio, dominando soberanera a casaria que se esprra em um phittheo, e uma vasta extenso de campos circumjacentes, ergue-se a cathedra torensse, por muitos titulos merecedora de attenção, — direi até, de admiração, — de naturas e estrangetes.

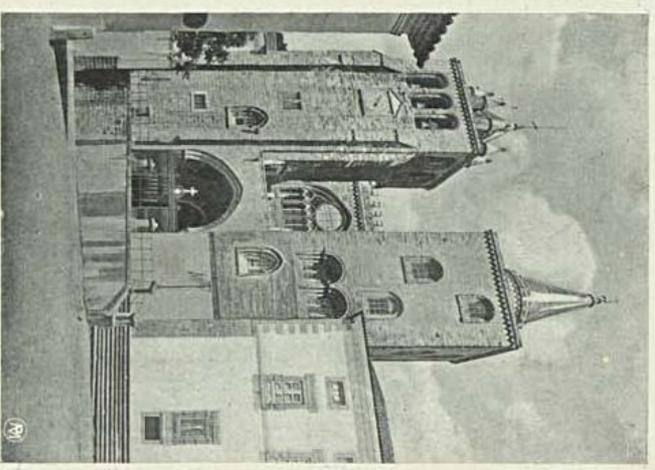
E, este sem divida um dos mais notaveis edificios religiozos não só da capital frovisgrana, mas de todo o reino, e com indistinctos justica foi recentemente incluido no catalogo official dos monumentos frotensses.

Evora é, a bem dizer, toda ella um muzeu de interessantes exemplares — e de notaveis e artistas; mas, entre elles, a Sé tem um distincto e importante logar.

Symbolizra a pujança e o encanto da Religião divina a que foi consagrada.

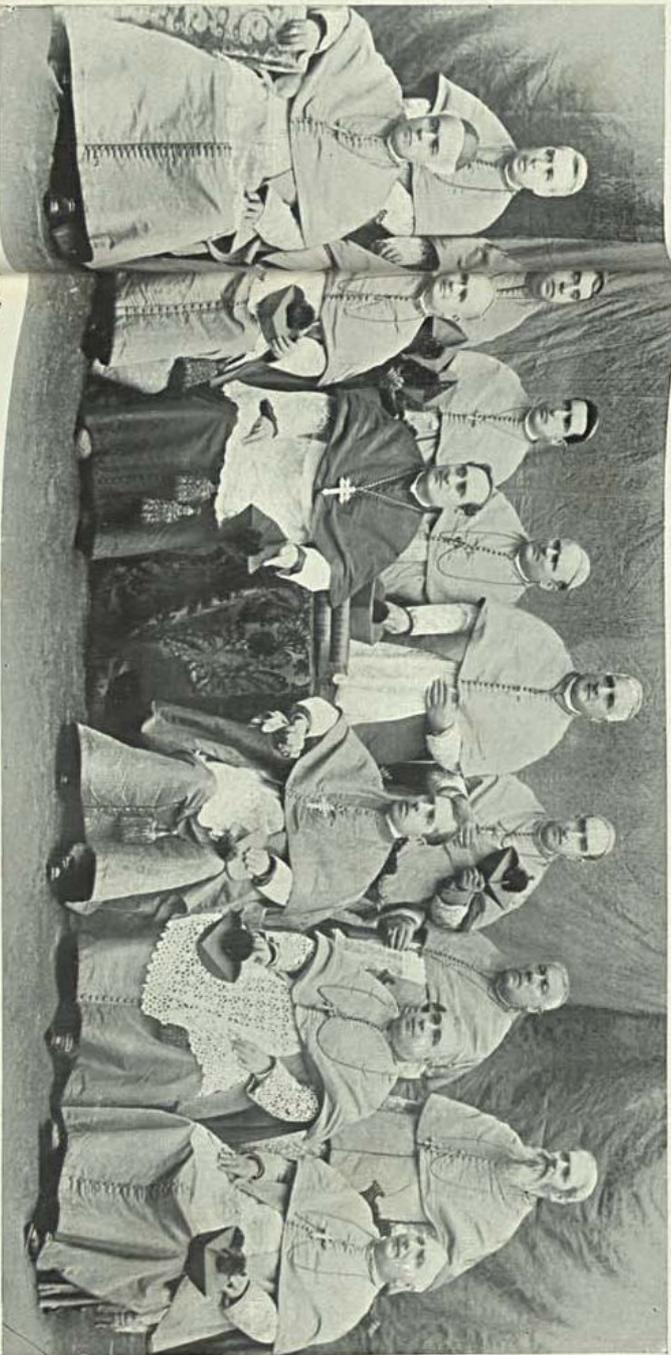
A grossa silhueta das solidas paredes, os rudes contrafortes que as impuram, despois de ornatos e as ameias que em parte as engrañallam, dão ao templo um certo ar de fortaleza medieval, evocando a recordação dos tempos heroes da conquista portuosa do nosso solo nos apertados.

É certo que não pade a Sé d'Evora considerarse como um edificio perfeito sob o aspecto architectural: carece de uma das primeiras condições e leis da perfeição estetica, — a simetria. Logo se vê allura se parecem entre si; em todos os demais caracteres de veros e sensivelmente. No interior, nota-se de prompto a mescla de varios estilos e successivas epochas — as arcadas semi-circulares e ogiva aind' pouco esbelta e mal distribuidas, a simetria e o atrojado zimbório, — o variz, — a archivolta da porta principal,



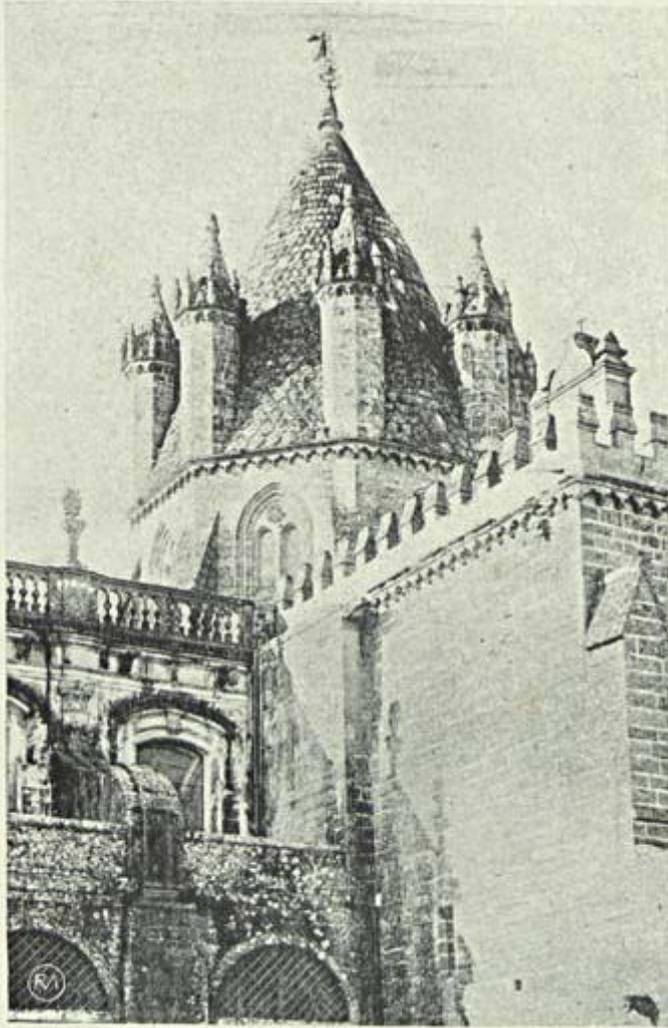
Evora. — Entrada principal da Sé archiepiscopal

PRELADOS PORTUGUEZES E O FINADO NUNGIO MAGGI



1.º Nungio, da esquerda para a direita. — 2.º D. Augusto, arcebispo de Braga. — 3.º D. António, bispo de Vizeu. — 4.º D. José, bispo de Beja. — 5.º D. Manuel, bispo de Braga. — 6.º D. António, o arcebispo bispo da Guarda. D. Manuel, o bispo de Portalegre, D. Gaudêncio, e o actual, D. José. — 7.º D. António, bispo de Évora. — 8.º D. António, bispo de Beja. — 9.º D. António, bispo de Évora. — 10.º D. António, bispo de Beja. — 11.º D. António, bispo de Évora. — 12.º D. António, bispo de Beja. — 13.º D. António, bispo de Évora. — 14.º D. António, bispo de Beja. — 15.º D. António, bispo de Évora. — 16.º D. António, bispo de Beja. — 17.º D. António, bispo de Évora. — 18.º D. António, bispo de Beja. — 19.º D. António, bispo de Évora. — 20.º D. António, bispo de Beja. — 21.º D. António, bispo de Évora. — 22.º D. António, bispo de Beja. — 23.º D. António, bispo de Évora. — 24.º D. António, bispo de Beja. — 25.º D. António, bispo de Évora. — 26.º D. António, bispo de Beja. — 27.º D. António, bispo de Évora. — 28.º D. António, bispo de Beja. — 29.º D. António, bispo de Évora. — 30.º D. António, bispo de Beja. — 31.º D. António, bispo de Évora. — 32.º D. António, bispo de Beja. — 33.º D. António, bispo de Évora. — 34.º D. António, bispo de Beja. — 35.º D. António, bispo de Évora. — 36.º D. António, bispo de Beja. — 37.º D. António, bispo de Évora. — 38.º D. António, bispo de Beja. — 39.º D. António, bispo de Évora. — 40.º D. António, bispo de Beja. — 41.º D. António, bispo de Évora. — 42.º D. António, bispo de Beja. — 43.º D. António, bispo de Évora. — 44.º D. António, bispo de Beja. — 45.º D. António, bispo de Évora. — 46.º D. António, bispo de Beja. — 47.º D. António, bispo de Évora. — 48.º D. António, bispo de Beja. — 49.º D. António, bispo de Évora. — 50.º D. António, bispo de Beja. — 51.º D. António, bispo de Évora. — 52.º D. António, bispo de Beja. — 53.º D. António, bispo de Évora. — 54.º D. António, bispo de Beja. — 55.º D. António, bispo de Évora. — 56.º D. António, bispo de Beja. — 57.º D. António, bispo de Évora. — 58.º D. António, bispo de Beja. — 59.º D. António, bispo de Évora. — 60.º D. António, bispo de Beja. — 61.º D. António, bispo de Évora. — 62.º D. António, bispo de Beja. — 63.º D. António, bispo de Évora. — 64.º D. António, bispo de Beja. — 65.º D. António, bispo de Évora. — 66.º D. António, bispo de Beja. — 67.º D. António, bispo de Évora. — 68.º D. António, bispo de Beja. — 69.º D. António, bispo de Évora. — 70.º D. António, bispo de Beja. — 71.º D. António, bispo de Évora. — 72.º D. António, bispo de Beja. — 73.º D. António, bispo de Évora. — 74.º D. António, bispo de Beja. — 75.º D. António, bispo de Évora. — 76.º D. António, bispo de Beja. — 77.º D. António, bispo de Évora. — 78.º D. António, bispo de Beja. — 79.º D. António, bispo de Évora. — 80.º D. António, bispo de Beja. — 81.º D. António, bispo de Évora. — 82.º D. António, bispo de Beja. — 83.º D. António, bispo de Évora. — 84.º D. António, bispo de Beja. — 85.º D. António, bispo de Évora. — 86.º D. António, bispo de Beja. — 87.º D. António, bispo de Évora. — 88.º D. António, bispo de Beja. — 89.º D. António, bispo de Évora. — 90.º D. António, bispo de Beja. — 91.º D. António, bispo de Évora. — 92.º D. António, bispo de Beja. — 93.º D. António, bispo de Évora. — 94.º D. António, bispo de Beja. — 95.º D. António, bispo de Évora. — 96.º D. António, bispo de Beja. — 97.º D. António, bispo de Évora. — 98.º D. António, bispo de Beja. — 99.º D. António, bispo de Évora. — 100.º D. António, bispo de Beja. — 101.º D. António, bispo de Évora. — 102.º D. António, bispo de Beja. — 103.º D. António, bispo de Évora. — 104.º D. António, bispo de Beja. — 105.º D. António, bispo de Évora. — 106.º D. António, bispo de Beja. — 107.º D. António, bispo de Évora. — 108.º D. António, bispo de Beja. — 109.º D. António, bispo de Évora. — 110.º D. António, bispo de Beja. — 111.º D. António, bispo de Évora. — 112.º D. António, bispo de Beja. — 113.º D. António, bispo de Évora. — 114.º D. António, bispo de Beja. — 115.º D. António, bispo de Évora. — 116.º D. António, bispo de Beja. — 117.º D. António, bispo de Évora. — 118.º D. António, bispo de Beja. — 119.º D. António, bispo de Évora. — 120.º D. António, bispo de Beja. — 121.º D. António, bispo de Évora. — 122.º D. António, bispo de Beja. — 123.º D. António, bispo de Évora. — 124.º D. António, bispo de Beja. — 125.º D. António, bispo de Évora. — 126.º D. António, bispo de Beja. — 127.º D. António, bispo de Évora. — 128.º D. António, bispo de Beja. — 129.º D. António, bispo de Évora. — 130.º D. António, bispo de Beja. — 131.º D. António, bispo de Évora. — 132.º D. António, bispo de Beja. — 133.º D. António, bispo de Évora. — 134.º D. António, bispo de Beja. — 135.º D. António, bispo de Évora. — 136.º D. António, bispo de Beja. — 137.º D. António, bispo de Évora. — 138.º D. António, bispo de Beja. — 139.º D. António, bispo de Évora. — 140.º D. António, bispo de Beja. — 141.º D. António, bispo de Évora. — 142.º D. António, bispo de Beja. — 143.º D. António, bispo de Évora. — 144.º D. António, bispo de Beja. — 145.º D. António, bispo de Évora. — 146.º D. António, bispo de Beja. — 147.º D. António, bispo de Évora. — 148.º D. António, bispo de Beja. — 149.º D. António, bispo de Évora. — 150.º D. António, bispo de Beja. — 151.º D. António, bispo de Évora. — 152.º D. António, bispo de Beja. — 153.º D. António, bispo de Évora. — 154.º D. António, bispo de Beja. — 155.º D. António, bispo de Évora. — 156.º D. António, bispo de Beja. — 157.º D. António, bispo de Évora. — 158.º D. António, bispo de Beja. — 159.º D. António, bispo de Évora. — 160.º D. António, bispo de Beja. — 161.º D. António, bispo de Évora. — 162.º D. António, bispo de Beja. — 163.º D. António, bispo de Évora. — 164.º D. António, bispo de Beja. — 165.º D. António, bispo de Évora. — 166.º D. António, bispo de Beja. — 167.º D. António, bispo de Évora. — 168.º D. António, bispo de Beja. — 169.º D. António, bispo de Évora. — 170.º D. António, bispo de Beja. — 171.º D. António, bispo de Évora. — 172.º D. António, bispo de Beja. — 173.º D. António, bispo de Évora. — 174.º D. António, bispo de Beja. — 175.º D. António, bispo de Évora. — 176.º D. António, bispo de Beja. — 177.º D. António, bispo de Évora. — 178.º D. António, bispo de Beja. — 179.º D. António, bispo de Évora. — 180.º D. António, bispo de Beja. — 181.º D. António, bispo de Évora. — 182.º D. António, bispo de Beja. — 183.º D. António, bispo de Évora. — 184.º D. António, bispo de Beja. — 185.º D. António, bispo de Évora. — 186.º D. António, bispo de Beja. — 187.º D. António, bispo de Évora. — 188.º D. António, bispo de Beja. — 189.º D. António, bispo de Évora. — 190.º D. António, bispo de Beja. — 191.º D. António, bispo de Évora. — 192.º D. António, bispo de Beja. — 193.º D. António, bispo de Évora. — 194.º D. António, bispo de Beja. — 195.º D. António, bispo de Évora. — 196.º D. António, bispo de Beja. — 197.º D. António, bispo de Évora. — 198.º D. António, bispo de Beja. — 199.º D. António, bispo de Évora. — 200.º D. António, bispo de Beja. — 201.º D. António, bispo de Évora. — 202.º D. António, bispo de Beja. — 203.º D. António, bispo de Évora. — 204.º D. António, bispo de Beja. — 205.º D. António, bispo de Évora. — 206.º D. António, bispo de Beja. — 207.º D. António, bispo de Évora. — 208.º D. António, bispo de Beja. — 209.º D. António, bispo de Évora. — 210.º D. António, bispo de Beja. — 211.º D. António, bispo de Évora. — 212.º D. António, bispo de Beja. — 213.º D. António, bispo de Évora. — 214.º D. António, bispo de Beja. — 215.º D. António, bispo de Évora. — 216.º D. António, bispo de Beja. — 217.º D. António, bispo de Évora. — 218.º D. António, bispo de Beja. — 219.º D. António, bispo de Évora. — 220.º D. António, bispo de Beja. — 221.º D. António, bispo de Évora. — 222.º D. António, bispo de Beja. — 223.º D. António, bispo de Évora. — 224.º D. António, bispo de Beja. — 225.º D. António, bispo de Évora. — 226.º D. António, bispo de Beja. — 227.º D. António, bispo de Évora. — 228.º D. António, bispo de Beja. — 229.º D. António, bispo de Évora. — 230.º D. António, bispo de Beja. — 231.º D. António, bispo de Évora. — 232.º D. António, bispo de Beja. — 233.º D. António, bispo de Évora. — 234.º D. António, bispo de Beja. — 235.º D. António, bispo de Évora. — 236.º D. António, bispo de Beja. — 237.º D. António, bispo de Évora. — 238.º D. António, bispo de Beja. — 239.º D. António, bispo de Évora. — 240.º D. António, bispo de Beja. — 241.º D. António, bispo de Évora. — 242.º D. António, bispo de Beja. — 243.º D. António, bispo de Évora. — 244.º D. António, bispo de Beja. — 245.º D. António, bispo de Évora. — 246.º D. António, bispo de Beja. — 247.º D. António, bispo de Évora. — 248.º D. António, bispo de Beja. — 249.º D. António, bispo de Évora. — 250.º D. António, bispo de Beja. — 251.º D. António, bispo de Évora. — 252.º D. António, bispo de Beja. — 253.º D. António, bispo de Évora. — 254.º D. António, bispo de Beja. — 255.º D. António, bispo de Évora. — 256.º D. António, bispo de Beja. — 257.º D. António, bispo de Évora. — 258.º D. António, bispo de Beja. — 259.º D. António, bispo de Évora. — 260.º D. António, bispo de Beja. — 261.º D. António, bispo de Évora. — 262.º D. António, bispo de Beja. — 263.º D. António, bispo de Évora. — 264.º D. António, bispo de Beja. — 265.º D. António, bispo de Évora. — 266.º D. António, bispo de Beja. — 267.º D. António, bispo de Évora. — 268.º D. António, bispo de Beja. — 269.º D. António, bispo de Évora. — 270.º D. António, bispo de Beja. — 271.º D. António, bispo de Évora. — 272.º D. António, bispo de Beja. — 273.º D. António, bispo de Évora. — 274.º D. António, bispo de Beja. — 275.º D. António, bispo de Évora. — 276.º D. António, bispo de Beja. — 277.º D. António, bispo de Évora. — 278.º D. António, bispo de Beja. — 279.º D. António, bispo de Évora. — 280.º D. António, bispo de Beja. — 281.º D. António, bispo de Évora. — 282.º D. António, bispo de Beja. — 283.º D. António, bispo de Évora. — 284.º D. António, bispo de Beja. — 285.º D. António, bispo de Évora. — 286.º D. António, bispo de Beja. — 287.º D. António, bispo de Évora. — 288.º D. António, bispo de Beja. — 289.º D. António, bispo de Évora. — 290.º D. António, bispo de Beja. — 291.º D. António, bispo de Évora. — 292.º D. António, bispo de Beja. — 293.º D. António, bispo de Évora. — 294.º D. António, bispo de Beja. — 295.º D. António, bispo de Évora. — 296.º D. António, bispo de Beja. — 297.º D. António, bispo de Évora. — 298.º D. António, bispo de Beja. — 299.º D. António, bispo de Évora. — 300.º D. António, bispo de Beja. — 301.º D. António, bispo de Évora. — 302.º D. António, bispo de Beja. — 303.º D. António, bispo de Évora. — 304.º D. António, bispo de Beja. — 305.º D. António, bispo de Évora. — 306.º D. António, bispo de Beja. — 307.º D. António, bispo de Évora. — 308.º D. António, bispo de Beja. — 309.º D. António, bispo de Évora. — 310.º D. António, bispo de Beja. — 311.º D. António, bispo de Évora. — 312.º D. António, bispo de Beja. — 313.º D. António, bispo de Évora. — 314.º D. António, bispo de Beja. — 315.º D. António, bispo de Évora. — 316.º D. António, bispo de Beja. — 317.º D. António, bispo de Évora. — 318.º D. António, bispo de Beja. — 319.º D. António, bispo de Évora. — 320.º D. António, bispo de Beja. — 321.º D. António, bispo de Évora. — 322.º D. António, bispo de Beja. — 323.º D. António, bispo de Évora. — 324.º D. António, bispo de Beja. — 325.º D. António, bispo de Évora. — 326.º D. António, bispo de Beja. — 327.º D. António, bispo de Évora. — 328.º D. António, bispo de Beja. — 329.º D. António, bispo de Évora. — 330.º D. António, bispo de Beja. — 331.º D. António, bispo de Évora. — 332.º D. António, bispo de Beja. — 333.º D. António, bispo de Évora. — 334.º D. António, bispo de Beja. — 335.º D. António, bispo de Évora. — 336.º D. António, bispo de Beja. — 337.º D. António, bispo de Évora. — 338.º D. António, bispo de Beja. — 339.º D. António, bispo de Évora. — 340.º D. António, bispo de Beja. — 341.º D. António, bispo de Évora. — 342.º D. António, bispo de Beja. — 343.º D. António, bispo de Évora. — 344.º D. António, bispo de Beja. — 345.º D. António, bispo de Évora. — 346.º D. António, bispo de Beja. — 347.º D. António, bispo de Évora. — 348.º D. António, bispo de Beja. — 349.º D. António, bispo de Évora. — 350.º D. António, bispo de Beja. — 351.º D. António, bispo de Évora. — 352.º D. António, bispo de Beja. — 353.º D. António, bispo de Évora. — 354.º D. António, bispo de Beja. — 355.º D. António, bispo de Évora. — 356.º D. António, bispo de Beja. — 357.º D. António, bispo de Évora. — 358.º D. António, bispo de Beja. — 359.º D. António, bispo de Évora. — 360.º D. António, bispo de Beja. — 361.º D. António, bispo de Évora. — 362.º D. António, bispo de Beja. — 363.º D. António, bispo de Évora. — 364.º D. António, bispo de Beja. — 365.º D. António, bispo de Évora. — 366.º D. António, bispo de Beja. — 367.º D. António, bispo de Évora. — 368.º D. António, bispo de Beja. — 369.º D. António, bispo de Évora. — 370.º D. António, bispo de Beja. — 371.º D. António, bispo de Évora. — 372.º D. António, bispo de Beja. — 373.º D. António, bispo de Évora. — 374.º D. António, bispo de Beja. — 375.º D. António, bispo de Évora. — 376.º D. António, bispo de Beja. — 377.º D. António, bispo de Évora. — 378.º D. António, bispo de Beja. — 379.º D. António, bispo de Évora. — 380.º D. António, bispo de Beja. — 381.º D. António, bispo de Évora. — 382.º D. António, bispo de Beja. — 383.º D. António, bispo de Évora. — 384.º D. António, bispo de Beja. — 385.º D. António, bispo de Évora. — 386.º D. António, bispo de Beja. — 387.º D. António, bispo de Évora. — 388.º D. António, bispo de Beja. — 389.º D. António, bispo de Évora. — 390.º D. António, bispo de Beja. — 391.º D. António, bispo de Évora. — 392.º D. António, bispo de Beja. — 393.º D. António, bispo de Évora. — 394.º D. António, bispo de Beja. — 395.º D. António, bispo de Évora. — 396.º D. António, bispo de Beja. — 397.º D. António, bispo de Évora. — 398.º D. António, bispo de Beja. — 399.º D. António, bispo de Évora. — 400.º D. António, bispo de Beja. — 401.º D. António, bispo de Évora. — 402.º D. António, bispo de Beja. — 403.º D. António, bispo de Évora. — 404.º D. António, bispo de Beja. — 405.º D. António, bispo de Évora. — 406.º D. António, bispo de Beja. — 407.º D. António, bispo de Évora. — 408.º D. António, bispo de Beja. — 409.º D. António, bispo de Évora. — 410.º D. António, bispo de Beja. — 411.º D. António, bispo de Évora. — 412.º D. António, bispo de Beja. — 413.º D. António, bispo de Évora. — 414.º D. António, bispo de Beja. — 415.º D. António, bispo de Évora. — 416.º D. António, bispo de Beja. — 417.º D. António, bispo de Évora. — 418.º D. António, bispo de Beja. — 419.º D. António, bispo de Évora. — 420.º D. António, bispo de Beja. — 421.º D. António, bispo de Évora. — 422.º D. António, bispo de Beja. — 423.º D. António, bispo de Évora. — 424.º D. António, bispo de Beja. — 425.º D. António, bispo de Évora. — 426.º D. António, bispo de Beja. — 427.º D. António, bispo de Évora. — 428.º D. António, bispo de Beja. — 429.º D. António, bispo de Évora. — 430.º D. António, bispo de Beja. — 431.º D. António, bispo de Évora. — 432.º D. António, bispo de Beja. — 433.º D. António, bispo de Évora. — 434.º D. António, bispo de Beja. — 435.º D. António, bispo de Évora. — 436.º D. António, bispo de Beja. — 437.º D. António, bispo de Évora. — 438.º D. António, bispo de Beja. — 439.º D. António, bispo de Évora. — 440.º D. António, bispo de Beja. — 441.º D. António, bispo de Évora. — 442.º D. António, bispo de Beja. — 443.º D. António, bispo de Évora. — 444.º D. António, bispo de Beja. — 445.º D. António, bispo de Évora. — 446.º D. António, bispo de Beja. — 447.º D. António, bispo de Évora. — 448.º D. António, bispo de Beja. — 449.º D. António, bispo de Évora. — 450.º D. António, bispo de Beja. — 451.º D. António, bispo de Évora. — 452.º D. António, bispo de Beja. — 453.º D. António, bispo de Évora. — 454.º D. António, bispo de Beja. — 455.º D. António, bispo de Évora. — 456.º D. António, bispo de Beja. — 457.º D. António, bispo de Évora. — 458.º D. António, bispo de Beja. — 459.º D. António, bispo de Évora. — 460.º D. António, bispo de Beja. — 461.º D. António, bispo de Évora. — 462.º D. António, bispo de Beja. — 463.º D. António, bispo de Évora. — 464.º D. António, bispo de Beja. — 465.º D. António, bispo de Évora. — 466.º D. António, bispo de Beja. — 467.º D. António, bispo de Évora. — 468.º D. António, bispo de Beja. — 469.º D. António, bispo de Évora. — 470.º D. António, bispo de Beja. — 471.º D. António, bispo de Évora. — 472.º D. António, bispo de Beja. — 473.º D. António, bispo de Évora. — 474.º D. António, bispo de Beja. — 475.º D. António, bispo de Évora. — 476.º D. António, bispo de Beja. — 477.º D. António, bispo de Évora. — 478.º D. António, bispo de Beja. — 479.º D. António, bispo de Évora. — 480.º D. António, bispo de Beja. — 481.º D. António, bispo de Évora. — 482.º D. António, bispo de Beja. — 483.º D. António, bispo de Évora. — 484.º D. António, bispo de Beja. — 485.º D. António, bispo de Évora. — 486.º D. António, bispo de Beja. — 487.º D. António, bispo de Évora. — 488.º D. António, bispo de Beja. — 489.º D. António, bispo de Évora. — 490.º D. António, bispo de Beja. — 491.º D. António, bispo de Évora. — 492.º D. António, bispo de Beja. — 493.º D. António, bispo de Évora. — 494.º D. António, bispo de Beja. — 495.º D. António, bispo de Évora. — 496.º D. António, bispo de Beja. — 497.º D. António, bispo de Évora. — 498.º D. António, bispo de Beja. — 499.º D. António, bispo de Évora. — 500.º D. António, bispo de Beja. — 501.º D. António, bispo de Évora. — 502.º D. António, bispo de Beja. — 503.º D. António, bispo de Évora. — 504.º D. António, bispo de Beja. — 505.º D. António, bispo de Évora. — 506.º D. António, bispo de Beja. — 507.º D. António, bispo de Évora. — 508.º D. António, bispo de Beja. — 509.º D. António, bispo de Évora. — 510.º D. António, bispo de Beja. — 511.º D. António, bispo de Évora. — 512.º D. António, bispo de Beja. — 513.º D. António, bispo de Évora. — 514.º D. António, bispo de Beja. — 515.º D. António, bispo de Évora. — 516.º D. António, bispo de Beja. — 517.º D. António, bispo de Évora. — 518.º D. António, bispo de Beja. — 519.º D. António, bispo de Évora. — 520.º D. António, bispo de Beja. — 521.º D. António, bispo de Évora. — 522.º D. António, bispo de Beja. — 523.º D. António, bispo de Évora. — 524.º D. António, bispo de Beja. — 525.º D. António, bispo de Évora. — 526.º D. António, bispo de Beja. — 527.º D. António, bispo de Évora. — 528.º D. António, bispo de Beja. — 529.º D. António, bispo de Évora. — 530.º D. António, bispo de Beja. — 531.º D. António, bispo de Évora. — 532.º D. António, bispo de Beja. — 533.º D. António, bispo de Évora. — 534.º D. António, bispo de Beja. — 535.º D. António, bispo de Évora. — 536.º D. António, bispo de Beja. — 537.º D. António, bispo de Évora. — 538.º D. António, bispo de Beja. — 539.º D. António, bispo de Évora. — 540.º D. António, bis

— e as pyramides que rematam as torres, revelam bem a época romano-byzantina *terciaria* ou de transição para o estylo ogival primitivo; — as grandes rosáceas ou espelhos de vidros coloridos, de lindissimo effeito, parecem pertencer ao estylo gótico *radiante*; — a capella denominada Esporão e as finas esculpturas de madeira do côro alto são bellissimos especimens da Renascença, — e a deslum-



Evora. — Cupula da Sé

brante capella-mór, considerada em si, é incontestavelmente uma das mais perfeitas e mais sumptuosas amostras do estylo moderno.

Esta capella, delineada pelo famoso architecto de Mafra João Frederico Ludovici, destôa tanto da severa simplicidade e da ancianidade veneravel do corpo da igreja, que o Conde de Raczynski, embaixador da Prussia em Portugal e grande apreciador de obras d'arte, quando a visitou, em 1844, não duvidou dar-lhe esta qualificação: *um disparate*.

Embora! Mas é um *disparate* que facilmente perdôa quem contempla enlevado aquella justeza de proporções, aquella harmoniosa combinação polychrômica de mármorees, — verde antigo, róseo, amarello, cinzento, branco e preto, — aquellas grandiosas columnas monolithicas de *bardilho manchado* sem rival, aquellas finas esculpturas, sobretudo os bustos dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo (devidos ao cinzel do italiano João Antonio de Padua), enfim, todo aquelle conjunto de magnificencias, que só a própria basilica de Mafra eguala, ou talvez excede.

E' um *disparate*? *Disparate* é então igualmente a capella de S. João Baptista na fria e nua igreja de S. Roque em Lisboa. *Disparate* é tambem o ajunctamento das *capellas incompletas*, (a que impropriamente se usa chamar *imperfeitas*) á incomparavel igreja da Batalha.

Confesso que é destoante, como um rosto gracioso e juvenil sobre a membruda e validissima corporatura d'um Anthêo. Mas quem condemnará a alliança da formosura com a robustez? quem reprovará a junção do *bello* com o *sublime*?

Se ao transpôr a porta principal da Sé eborense, o espirito nos fica subjugado pela perspectiva das celsas arcarias, não muito inferiores ás da Batalha, — quando chegámos ao transepto e abrangemos em um olhar synthético a capella-mór, sentimos expandir-se como desoppresso o ânimo e desfranzirem-se involuntariamente os labios num sorriso.

Poderei ser havido por suspeito, pois estou encarecendo o templo material que symboliza a minha espiritual esposa, a santa igreja eborense; mas creio não me illudir afirmando que não tem Portugal outro edificio onde, apesar da miscellanea que já confessei, ou talvez

por este mesmo motivo, se offereça ao observador esclarecido e attento um feixe assim precioso de maravilhas da arte.

Accrescentarei alguns breves apontamentos, respigados nos interessantes opusculos dos srs. Dr. Caetano da Camara Manuel (*Através a cidade d'Evora*) e Antonio Francisco Barata (*Memoria historica sobre a fundação da Sé de Evora*), para os quaes remettemos o curioso de mais amplas informações.

Segundo a opinião do sr. Barata, o fundador da Cathedral foi o Bispo D. Durando Paes, fallecido em 1283.

Tem ella interiormente 43 metros de comprimento e 20 de largura; é de tres naves, sendo a central e o cruzeiro guarnecidos de galeria continua (*triphorium*).

O *mestre da obra*, segundo a conjectura do mallogrado Doutor Filipe Simões, foi Martim Domingues, representado em uma tosca figura de pedra, esculpida sobre um dos arcos que separam da nave central a do lado da epistola.

O côro de cima, notavel, como já fica dicto, pela primorosa obra de talha, conta 74 cadeiras. E tambem curiosa a porta com figuras em meio-relevo.

Apreciavel é igualmente a talha dourada que reveste completamente as capellas do Sacramento e das Reliquias.

Digno de nota é o crucifixo colossal, de madeira de cedro, obra do esculptor lisbonense Manuel D'as.

O retabulo do altar-mór foi pintado, segundo a opinião auctorizada de Villena Barbosa, por Jul'o Cesar Femini, Romano, e não por Batoni, como algum tempo se julgou.

Não são vulgares as grades de ferro torcido do baptisterio, encimadas pelo brasão do Bispo D. Alfonso de Portugal.

No thesouro da Sé Metropolitana, a despeito de repetidas depredações, ha ainda joias de subido valor real e artistico. A todas sobrelva o calix de ouro esmaltado, offerta do Arcebispo Paulo Alfonso em 1587; mas merecem menção mais estas: a Cruz do Santo Lenho, tambem com esmaltes e adornada de 1426 pedras preciosas; — um



Evora. — Interior da Sé

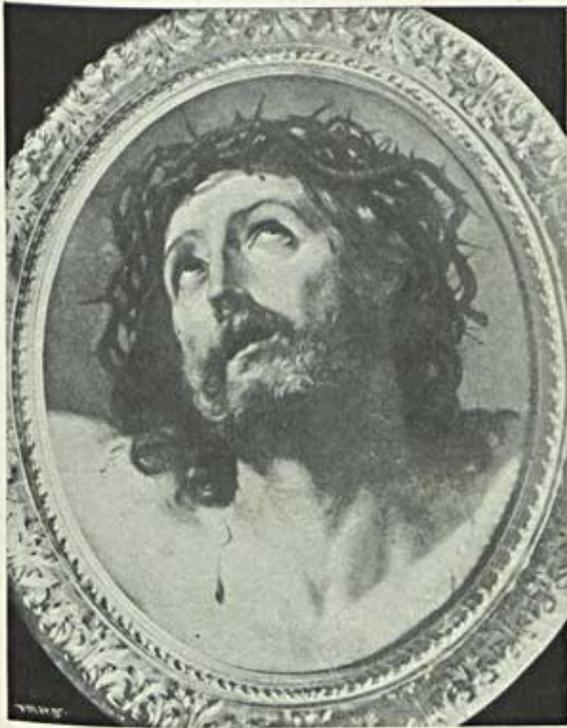
lindo porta-paz; — uma custodia do século XVI, — e o baculo do cardeal Infante D. Henrique, sustentado agora indignamente pelo seu actual successor, que escreve estas desprezenciosas linhas, cujo merito unico é a sinceridade do sentir que traduzem, e a exactidão dos dados que apontam.

Evora, 21 — março — 1907.

† AUGUSTO, ARCEBISPO D'EVORA

Qual é a primeira parte da politica? a educação. E a segunda? a educação. E a terceira? a educação.

MICHELLET.



Ecce homo

(De Guido Reni: existe na galeria Corsini)

ALLELUIA

Está confundida a impiedade, está purificada a terra. Raiou uma aurora nova e a natureza, immaculada como uma virgem, dissipa com o mais diaphano dos seus sorrisos as trevas em que se consumou o sacrificio cruento.

Jerusalem dorme tranquilla, cantam as aves do espaço, e o sol dardeja sobre a terra amorosa os seus raios fecundos...

*

O' poeta dos ideaes formosos, ó loiro sonhador das utopias divinas, bem hajas tu por teres escolhido ha dezenove seculos o momento crudelissimo da tua paixão angustiosa!

Soffreste, retalharam-te o corpo, arrastaram-te pelas ruas e pelas praças, pregaram-te n'uma cruz e expozeram-te em ignominia... mas comprehenderam te!

As multidões engrossaram com as suas lagrimas o sangue que te corria das feridas, a tua obra fecundava religiões na eloquencia dos teus apóstolos, as artes sublimavam-se reproduzindo na téla e no marmore o tom pallido da tua carne e o brilho celeste dos teus olhos, e, se annos depois, tu os abrisses á luz com todo o poder di-



Madona

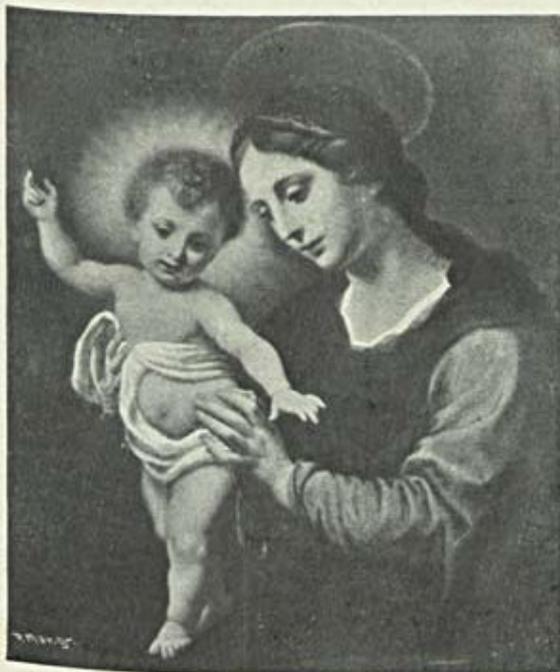
(De Sassetta: existe no Vaticano)

vino de uma ressurreição nova, havias de applaudir a humanidade que te comprehendera tão bem, havias de ter um sorriso jubiloso e agradecido para aquelles que tão profundamente tinham radicado pelo mundo a tua obra de martyr, universal e fecunda...

*

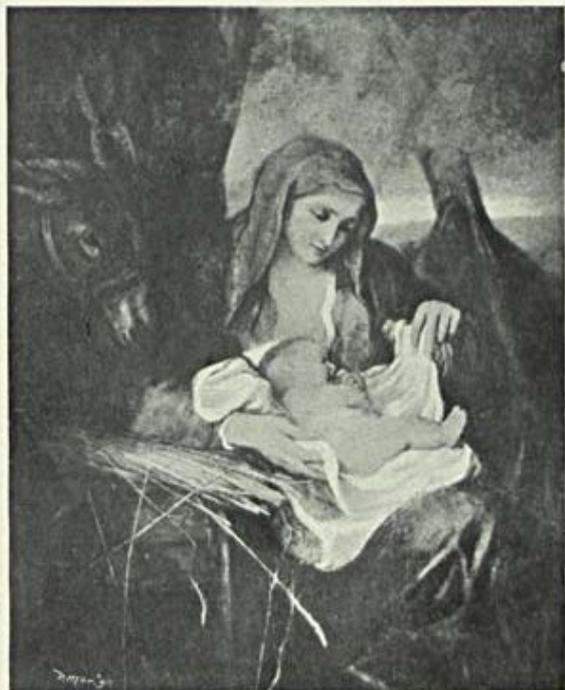
E hoje!

Não ha muitas horas ainda que finalisou o teu martyrio e a tua agonia. Pendeu na cruz affrontosa a tua cabeça coroada de espi-



A Virgem e o Menino

(De Carlo Dolei: galeria Borghi)



Nascimento de Christo

(De Van Dyck: galeria Corsini)

nhos, pendendo ao longo do madeiro os teus cabellos ensanguentados, e a morte sacrilega cerrou-te os olhos doloridos.

Felizmente, porém, tudo isto não é hoje senão a reprodução imaginosa do teu sacrificio sublime. Previste bem, na tua divina in-

Hoje, ó doce Jesus, chamar-te-iam ingenuo os que mais te amassem, e o grande numero dos que assistissem á tua agonia, acolhel-a-ia talvez com um sorriso de desdem!

Hoje, ó casto, ó candido Nazareno, a atrevida sciencia que tudo disseca e analysa, descreveria certamente dos teus milagres, e, com palavras pomposas como estas, *magnetismo, hypnotismo, histerismo*, e outras quejandas, de que no teu tempo não havia sequer noticia, explicaria ostentadamente os actos singelos e magnificamente milagrosos que arrastavam no teu apostolado santo, seguindo-te por toda a parte, os ingenuos filhos da Galliléa!

Hoje, os Lazaros chagados não resuscitariam ao teu mando, nem ao ver te, as Magdalenas lavariam as suas maculas com as lagrimas de arrependimento! Hoje os teus apóstolos e os teus proselytos não escolheriam para as suas vestes o linho ou o burel grosseiro e

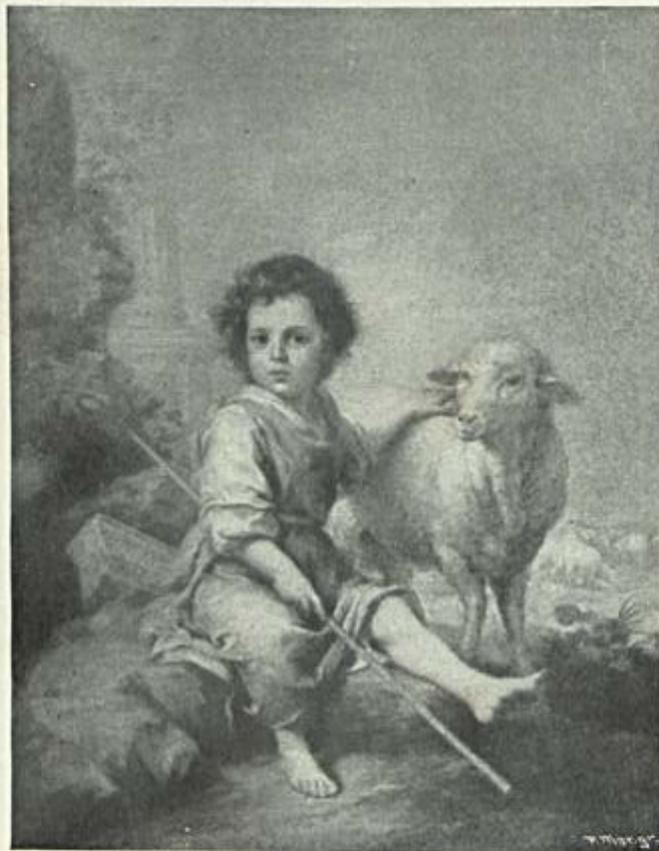


A Madona do divino amor

(De Giulio Romano: museu nacional de Napoles)

tuição, que se elle hoje em pessoa se consumasse, seria um acto indifferente e um sacrificio esteril.

Nem uma lagrima de compaixão cairia no sangue do justo, nem o vento de Jerusalem arrancaria ás palmeiras de Gethsemani o grito dilacerante da natureza, nem o pranto dos miseraveis iria avolumar as aguas do lago de Genesaretta!



O divino Pastor

(De Murillo)



Oração da manhã, de E. Munier

até os pequeninos que chamasses a ti não seriam levados pela doçura da tua palavra angelica!

Ah! os tempos mudaram, positivamente mudou a humanidade, mudou o proprio sentimento!

Hoje, os que correm para os templos, não são os teus fieis, aquelles, em que d'antes, muitos seculos depois, a tua paixão accendia um amor sem limites e um respeito sagrado, que subia ao martyrio. Espectaculos mais pomposos, mais embriagantes, porque aos perfumes do incenso e da myrrha se juntam as notas dos hymnos religiosos e dos psalmos sagrados, as ceremonias liturgicas só conservam das outr'ora celebradas um brilho mystico, um poder absorvente que quanto mais ingenuas são as almas, mais as captiva e as enerva.

De resto, nem o latim dos sacerdotes fala ás turbas a linguagem d'além mundo, que d'antes levava o espirito christão pelas regiões da eternidade, nem a palavra lamentosa e pungitiva dos pregadores consegue fazer pousar tristemente sobre os olhos amortecidos de Jesus os olhos enxutos hoje e d'antes piedosos e orvalhados, dos que não se commovem já com os transe e as angustias d'aquella paixão sacrosanta. Ah! o progresso não suspendeu nunca a marcha ousada, a sciencia encheu o mundo, mas a fé saiu do coração e deixou o vazio!

Com o advento do materialismo triumphante, se alguma religião substituiu a das crenças futuras, a das esperanças illimitadas, chama-se a religião do eu, o egoismo interesseiro e pessoal, na sua restricção mesquinha.

Egoístas na vida, continuamos a sel-o na morte, e assim como na antiguidade pagã se morria pela patria, nos primeiros seculos do christianismo por Deus, na idade média pela honra, hoje o que

Sermão das dôres da Saerattissima Virgem Maria ⁽¹⁾

I.—Se as dôres inconsolaveis podem ter alguma consolação e allivio, é a similhaça ou companhia de outrem que as padeça eguaes. Assim o poz em proverbio o commum sentimento dos homens, posto que deshumano em parte. Levado d'este pensamento o propheta Jeremias, com os olhos n'este mesmo dia e n'esta mesma hora em que estamos, e considerando os extremos da dôr com que



Nossa Senhora Sixtina
(De Raphael)

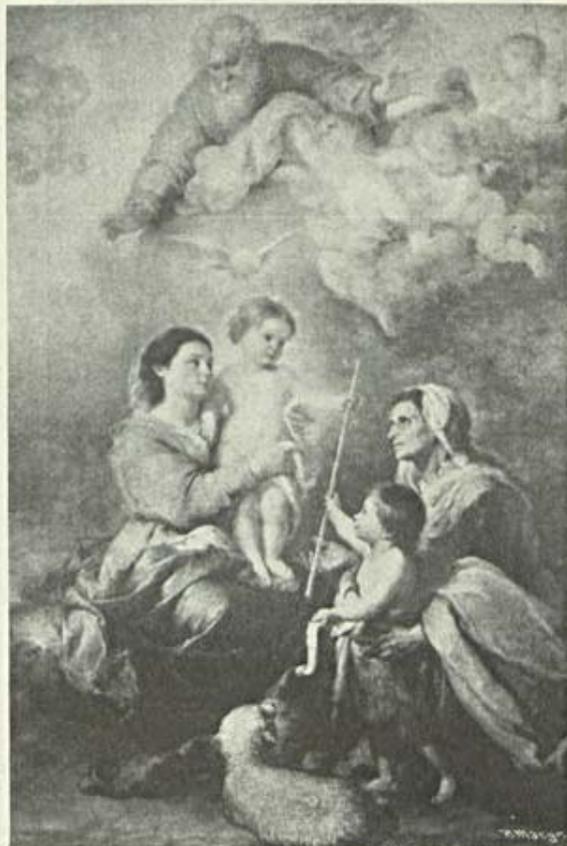
quer deixar de viver entende que só por si proprio se deve matar, e suicida-se.

Portanto se o caracter moral desceu á medida que subiu o progresso material, se hoje, a morte de um justo e a vida de um martyr, não fecundariam exemplos, nem creariam religiões, curvemos respeitosos, n'este anniversario augusto, perante a omnisciencia divina de Christo, que escolheu, ha quasi dois mil annos, o momento preciso e unico para com o seu sangue lavar e redimir as torpezas dos homens.

JAYME VICTOR.



Presepe
Quadro de Murillo: no Vaticano



A Santa Familia
(De Murillo)

a espada de Simeão trespassou a alma da Mãe de Deus na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora e em figura da cidade de Jerusalem coberta de luto, pergunta a todos os que passavam á vista do monte Calvario, se todos, ou algum d'elles, viram alguma hora dôr similhante á sua: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus.* E como ninguem respondesse nem pudesse satisfazer á pergunta do propheta, na suspensão d'este silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, e poz-se a considerar consigo a que creatura de quantas abraça o universo (entrando tambem na comparaçao as insensiveis) compararia a grandeza d'aquella dôr: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Jerusalem? vel cui exequabo te, et consolabo te, Virgo filia Sion?* E como não achasse a sua imaginação coisa alguma nem de maior grandeza nem de maior amargura que o mar, emfim se resolveu que só no mesmo mar podia achar a similhaça, e na mesma similhaça a consolação que buscava: *Magna est velut mare contritio tua.*

Assim disse Jeremias; mas sendo um tão grande propheta e o mais exercitado em casos lastimosos e tristes, disse pouco. O fel é mais amargoso que o mar; e o fel que a Senhora viu dar a seu Filho n'aquella ardentissima sêde foi uma pequena parte das suas amarguras. E, posto que o mar seja um elemento tão vasto e immenso, em que uma onda sobre outra onda, todas quebrando n'aquelle lastimado coração, tinham alguma similhaça com os golpes repetidos e com a immensidade da sua dôr.— muito maior, mais alto e mais pesado era o pégo sem fundo da sua pena, como aquelle cuja tempestade subiu acima do céu, e em cujas ondas chegou a naufragar e affogar-se o mesmo Deus: *Veni in altitudinem*

(1) Tambem chamado da Soledade. Foi prégado na egrêja de Sancta Monica das religiosas de Santo Agostinho, em Lisboa, anno de 1642.

maris, et tempestas demersit me. Supposta esta verdade, e havendo nós hoje de vadear de algum modo o dilúvio incompreensível das dôres da Virgem Mãe na consideração da morte de seu Filho, não lhe achando comparação ou similitude nem no mar nem na terra, aonde a irei buscar? Seguindo os passos da mesma dôr, adverti



Jesus crucificado
(De Van Dijk)

que a alma da Mãe seguia a do Filho, e que a do Filho descia ao inferno: *Descendit ad inferos.* E porventura, descendo Christo ao inferno, padecia as penas que lá se padecem? Não: antes as desfez, como diz S. Pedro: *Solutis doloribus inferni.* Supposto isto, já achei o que buscava. O Filho no inferno sem dôr, a Mãe n'este mundo com dôres, a que se não acha comparação? Logo o Filho e a Mãe n'esta hora partiram entre si o inferno: o Filho descendo ao lugar e a Mãe padecendo as dôres: *Dolores inferni circumdederunt me.* Este será o meu assumpto que, em tempo tão breve como o signalado, só sendo tão extraordinario podia ser grande. E, posto que o nome de inferno pareça medonho, a propriedade da mesma comparação lhe tirará o horror.

II. — *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus amulatio:* disse propheticamente Salomão, falando do Esposo e da Esposa, isto é, Christo e sua Mãe: Põe de uma parte o amor e da outra a emulação competindo-se: e por extremos da competencia da parte do amor a morte e da parte da emulação o inferno. E quaes foram os competidores? Os que já dissemos. Da parte do amor o Filho, que chegou a morrer por amor dos homens: e da parte da emulação a Mãe que, vendo o Filho morto, chegou a padecer por elle as dores do inferno. De sorte que, comparando a fortaleza do amor com a dureza do inferno, no sepulcro do Filho se pode escrever por epitaphio: *Fortis est ut mors dilectio,* e no coração da Mãe por trophéo: *Dura sicut infernus amulatio.* Dos extremos do amor torte como a morte prégarão hoje todos os pulpitos, dos extremos da dôr dura como o inferno hei de falar eu agora. e peço attenção.

Duas penas se padecem no inferno: a pena de damno e a pena de sentido. A pena de damno consiste na ausencia de Deus e, começando por esta, tal foi a primeira pena da dôr de Maria. As outras ausencias, ainda que sejam de quem muito se ama, são penas d'esta vida: só a privação e a ausencia de Deus é pena como a que no inferno, por antonomasia da perda, se chama pena de damno. Privação era a que Deus considerou em Adão, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum.* Privação foi a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit.* Mas como as penas e as ausencias eram similitantes á companhia de que um se via falto e outro privado, não merecism o nome de damno, que só por excellencia se deve á privação da companhia e vista de Deus: qual era a que a Senhora padecia n'esta hora, privada da presença e vista de um Filho que juntamente era seu Filho e seu Deus.

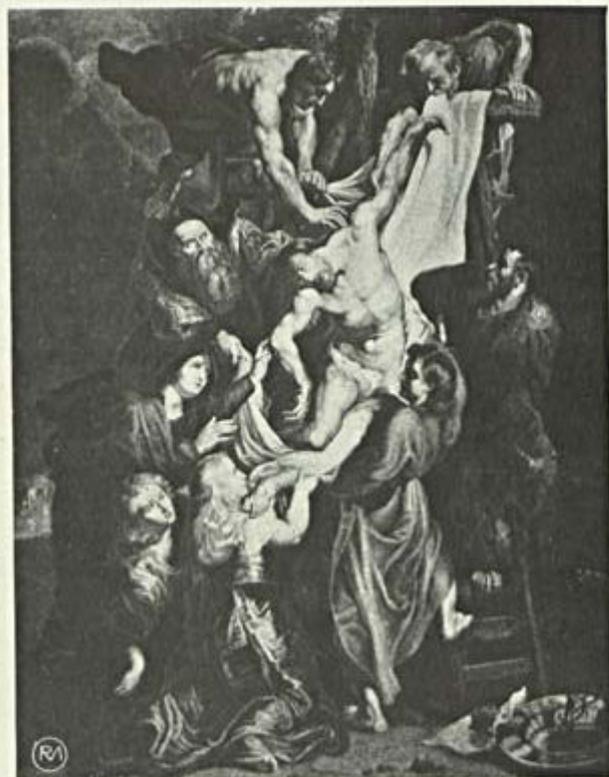
Disse o ladrão a Christo: *Domine, memento mei.* E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in paradiso.* Pois como *in paradiso,* se Christo no mesmo dia desceu ao inferno e lá o achou o ladrão, quando pouco depois expirou? Christo no inferno e o ladrão no in-

ferno n'aquelle dia e tambem nos dois seguintes, e diz-lhe Christo hoje estarás comigo no paradiso? Sim, e por isso mesmo. Não vêdes que disse Christo ao ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris?* Pois por isso accrescenta tambem que estaria no paradiso; porque estar com Christo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é estar no paradiso. O *in paradiso* foi consequencia do *mecum eris.* E se a gloria de estar com Christo no inferno faz do inferno paradiso, vêde se a pena de estar sem Christo n'este mundo faria do paradiso inferno! A presença ou ausencia de Deus é a que faz o inferno ou o paradiso, e não os lugares. O inferno começou no céu, quando os anjos foram privados da vista de Deus: e o paradiso começou no inferno, quando os sanctos Padres viram lá a Christo. E esta era a differença em que os olhos e coração da Senhora se viu n'esta hora.

Se aos bemaventurados lhes fizesse o lume da gloria, ainda que ficassem no céu os mesmos bemaventurados, deixariam subitamente de ser e começariam a padecer a pena de damno, que é a privação da vista de Deus. Isto mesmo lhe succedeu hoje á Virgem: *Et lumen oculorum meorum et ipsum non est mecum.* Faltou-lhe o lume de seus olhos; e n'esta privação da vista de seu Filho e seu Deus padecia uma pena em tudo semelhante á pena de damno. Com parae aquelle *mecum eris* com este *non est mecum;* e assim como alli tirou Christo por consequencia o paradiso, assim aqui devemos nós tirar pela mesma consequencia o inferno.

Oh, que profunda conferencia faria a Senhora sobre este *et ipsum non est mecum!* Lembrada de quando lhe disse o anjo: *Dominus tecum,* então diria: "ainda que me annunciasses Gabriel, que meu Filho havia de remir o mundo e eu sabia bem que havia de ser por morte de cruz, como me disse que elle estava e havia de estar commigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veio anunciar o desterro do Egypto, como disse *accipe puerum et matrem ejus* n'elle e com sua companhia se me faziam facéis todas as perseguições, e todos os trabalhos. Uma vez o perdi com dôr quasi semelhante a esta; mas então tive a liberdade para o buscar e achal-o: agora, que entre mim e elle está em meio toda a terra, que remedio pôde ter a minha dôr? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de José, tanto menos desconsolado quando vae de filho a filho: *Descendam ad filium meum lugens in infernum.* Mas esta graça de acompanhar a meu Filho na morte, não quiz elle que eu a tivesse. Emfim, só isto tem menos de inferno a minha pena, que é conformar-me com a sua vontade."

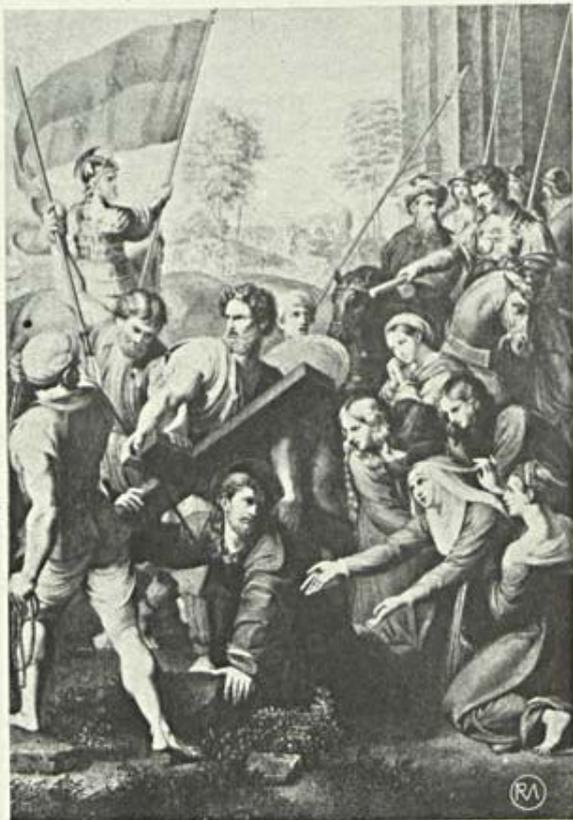
Porém, se n'isto era menor a pena da Senhora que a pena de damno que no inferno se padece, em outra circumstancia a excedia muito, que era a do amor. A pena de damno do inferno é sómente carecer da vista de Deus, mas não da vista de Deus amado; porque os que no inferno padecem esta privação tão longe estão de amar a Deus, que antes o aborrecem furiosamente. E se a privação de Deus, ainda que aborrecido, é a maior de todas aquellas



Descimento da cruz
(De Rubens)

penas; qual será a privação do mesmo Deus summamente amado? Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mães a seus filhos, amava incomparavelmente mais que todos os bemaventurados a Deus. Vêde que pena seria a sua na privação da presença e da vista de um Filho Deus! *Dura sicut infernus amulatio.*

III. — Mas, porque este genero de pena excede toda a comprehensão humana, passemos á segunda, que é a pena de sentido. As penas de sentido no inferno são muito diferentes de todas as que se padecem n'esta vida, porque as d'esta vida padecem-se em tempo successivamente e por partes, e as do inferno padecem-se na eternidade, que é duração indivisivel e simultanea; e assim não se padecem uma depois da outra, senão todas juntas. Esta mesma



Jesus transportando a cruz
(De Raphael)

mentos não outros senão os mesmos que antevia e considerava no Horto; porque então lhe causaram tanto horror e lhe pareceram, e verdadeiramente eram, tão intoleraveis e insoffríveis, e agora não? Porque então estavam todos juntos na apprehensão e agora divididos no soffrimento: *transeat a me calix iste*; então estavam todos os tormentos juntos em um calix, e este mesmo composto de todos os ingredientes da paixão, que depois bebidos por partes eram muito inferiores á sua paciencia e valor, unidos todos e representados por junto, á mesma paciencia e valor eram insupportaveis e insoffríveis. Tal foi a differença dos tormentos, que agora padecia a Senhora, aos que tinha padecido ao pé da cruz! Estes foram como os que Christo padeceu no Calvario; aquelles como os que padeceu no Horto: estes, divididos e por partes, como tormentos d'esta vida; aquelles todos juntos e sem successão, como os da eternidade e do inferno: *Dura sicut infernus emulatio*.

Finalmente, para que lhe não faltasse a circumstancia de dureza e rigor semelhante á do inferno, notae que, sendo tão grandes, não bastaram a lhe tirar a vida. Foram tão excessivos os tormentos da Virgem na paixão de seu Filho, que diz S. Bernardo, que se se repartissem por todas as creaturas viventes, bastariam a tirar a vida a todas. Mais. Era tão grande o amor da Senhora e o affecto ternissimo com que desejava não se apartar da presença e vista de seu Filho, que teria por grande beneficio o morrer, para que elle morresse, como dizia David na morte de Absalão, e já que isto não pudesse ser, ao menos morrer juntamente com elle. Pois se a Senhora desejava tanto a morte e os tormentos eram bastantes para lhe tirar mil vidas; porque não morreu entre as suas penas? Porque esta é a propriedade dos tormentos do inferno: *Dura sicut infernus emulatio*: não só dura, porque atormenta duramente, senão tambem porque atormentando endurece a quem atormenta, e mandando immortalisa para sempre matar. N'esta vida temem os homens a morte e todos andam fugindo d'ella: no inferno, pelo contrario, todos desejam morrer e a morte foge de todos: *Fugiet mors ab eis*. Eis aqui qual foi a dureza e o rigor dos tormentos e penas da Mãe de Deus, depois da morte de seu Filho. A de damno e a de sentido, ambas como as do inferno em atormentar, e ambas como as do inferno em lhe não darem a morte.

Esta foi aquella grande maravilha que viu Moisés no deserto de Madian: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam; quare non comburatur rubus*. O fogo d'esta vida consome tudo o que abraza: o fogo do inferno abraza e não consome. E que sarça era a que assim ardeu, senão a que foi representada n'ella, e nunca com tanta propriedade como n'esta hora, toda espinhos, toda tormentos e toda dôres; mas toda ardendo em um fogo que, devendo-lhe tirar a vida, para maior continuação do sentimento a conservava viva e immortal? O fogo do amor e dos tormentos de Christo foi como fogo da terra que lhe tirou a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o fogo do amor e tormentos de Maria, foi como fogo do inferno, que a endureceu contra a morte: *Dura sicut infernus emulatio*. E este foi o cerco em que aquellas dôres puzeram a maior e mais angustiada alma, tão apertado que

differença tiveram as penas da Senhora n'esta hora, comparadas com as suas e as de seu Filho na paixão. Na paixão primeiro se padeceram as injurias da prisão, depois os açoites da columna, depois os espinhos da coroação e ultimamente os cravos e a cruz. Porém, n'esta hora padeceu-as a Senhora todas juntas.

Assim o disse a mesma Senhora por bôca da alma sancta: *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur*. A myrrha, como tão amargosa, foi figura da paixão de Christo; e como tal offerrecida a elle nos mysteriosos dons dos reis do Oriente. Pois porque diz a Senhora que para ella — *mihi* — e não para o Filho, foi a paixão um feixe de myrrha? Porque Christo na sua paixão padeceu os seus tormentos divididos, e a Senhora depois d'ella e na sua consideração, padeceu-os juntos. Elle divididos em diversos tempos e partes do corpo; ella juntos no mesmo tempo e no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo, por mais cruel que fosse, não o pôde atormentar senão por partes, e assim como o Senhor padeceu todos os tormentos successivamente e divididos, assim tambem a Mãe quando o seguia e acompanhava. Porém, depois da sua morte, só, sem elle e consigo considerava tudo o que n'aquelle dia tinha passado. Alli se ataram e uniram todos os tormentos da prisão, dos açoites, da corôa, da cruz, dos cravos, da lança e de todos os outros tormentos, e se fez um composto de penas que, sendo cada um insoffrivel e immenso para a dôr, cabia todo junto dentro do coração e entre aquelles sagrados peitos que em diferente côr haviam dado ao Filho o mesmo sangue que derramou: *Inter ubera mea commorabitur*.

E, para que se veja quanto maior força tinha esta apprehensão e comprehensão de toda a paixão por junto, para atormentar a alma da Mãe, vejamos os effeitos que fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto foi tal o temor, o horror e a tristeza que concebeu dos tormentos de sua paixão, que tres horas inteiras prostrado por terra pediu a seu Eterno Pae o absolvesse d'ella: *Transeat a me calix iste*. E finalmente vindo que não era possivel, segundo os decretos divinos, foi tal e tão estranha a sua agonia, que souo copioso sangue e foi necessario que viesse um anjo a confortal-o. N'este ponto entrou o Senhor a padecer os mesmos tormentos e todos soffreu com admiravel paciencia e constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem anticipar o sangue ás feridas e sem que homem da terra nem anjo do céu o animasse: antes, vindo que que acabavam, disse: *Sitio*. — não tanto pela sede que o atormentava, como pela sede que tinha de mais padecer. Pois se agora padecer com tanto valor, alegria e magnanimidade, sendo estes tor-



Maria Magdalena
(De Murillo)

o não podia soffrer a vida e tão fechado que o não podia alliviar a morte: *Dolores inferni circumdederunt me*.

Mas o que não puderam declarar as minhas palavras, vejão agora os olhos n'aquella piedosa imagem, viva sem vida e morta sem poder morrer: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam*.

EMERSON, FRANK

Santa Catarina

Ecce Homo

Risô da Marco

1907

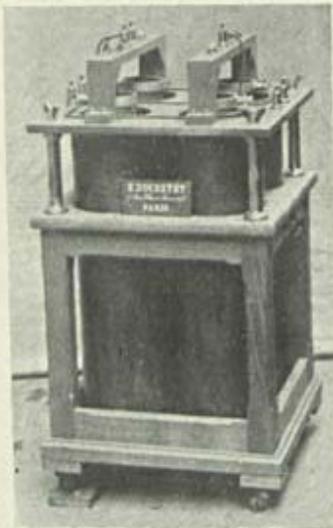
Alfredo Guinle
1907



Oswaldo de Faria



Inventor do transformador electrico



Transformador electrico

Brasileiro por nascimento e portuguez de origem, o sr. Oswaldo de Faria, cujo retrato inserimos, está chamando a atenção dos centros scientificos com as suas conferencias na «Société des Sciences» em Paris, a proposito do seu curioso invento — o transformador electrico das correntes alternativas em correntes continuas — invento que está destinado a produzir uma revolução completa na industria.

O sr. Faria, engenheiro, conta apenas 21 annos.

Politica internacional

Parece que tudo na Russia conspira para cada vez mais complicar a situação politica do paiz. Dissémos na revista anterior, a proposito da composição da Duma, quanta habilidade seria preciso que os partidos da esquerda empregassem para evitar logo de principio um conflicto com o governo, que facilmente lançaria mão d'esse pretexto para propôr ao tsar a dissolução da assembleia. Parece, com effeito, que tanto os cadetes como os socialistas revolucionarios, assim o comprehenderam, porque até agora ainda não teve logar nenhuma d'aquellas sessões tumultuosas e violentas, em que foi tão fecunda a primeira Duma.

Pois quando a perspectiva de uma pacificação começava a despontar no horisonte, vem um desastrado acontecimento ameaçar os propositos pacificos dos deputados, pondo em risco desde já toda a obra da Duma. Foi o caso que n'um dos ultimos dias parte do tecto da sala das sessões do palacio de Taurida abateu, não tendo por felicidade esmagado os deputados, graças á hora matutina em que a derrocada se deu. Semelhante accidente, na presente occasião, não podia deixar de causar impressão profunda nas fileiras da opposição e no paiz em geral, que desde logo attribuiram o succedido ao partido reaccionario, que por este attentado procu-

raria desfazer-se dos representantes da nação, que mais o incomodam.

Semelhante versão encontrou tanto mais credito entre as massas populares, quanto que por uma singular coincidência, ainda até agora inexplicavel, o abatimento só se deu do lado onde tinham assento os deputados da opposição, devendo apenas ser as victimas no caso de o desastre se ter dado algumas horas mais tarde.

O alvoroço, sobretudo nas provincias, foi enorme. Milhares de telegrammas foram expedidos de todos os pontos do imperio protestando indignados contra o que já era classificado como monstruoso attentado contra a representação nacional.

Alguns d'esses telegrammas dirigidos á camara tornavam o governo responsavel pela vida dos deputados. Nada de positivo ainda apurou o inquerito, a que se está procedendo para apurar as causas do desastre. Mas qualquer que seja o resultado d'elle, é indubitavel que ninguem poderá convencer as suspicases massas populares de que não se trata de um abominavel attentado adrede preparado pelo partido reaccionario para se ver livre por este processo sumario da esquerda da Duma. E semelhante convicção, que será difficil de desarraigir do espirito da maioria, não é de molde a preparar os animos para o accordo, que seria no momento actual a salvação da Russia.

A attitude de Stolypin continua a preoccupar os partidos liberais. A declaração ministerial, lida ha dias á Duma, já depois do accidente, a que acabamos de nos referir, foi friamente e em silencio ouvida pela esquerda. O governo indica uma longa lista de projectos de lei, cuja discussão immediata recommenda. Mas as questões fundamentais, que a nação quereria ver resolvidas para sua tranquillidade, não figuram na exposição do primeiro ministro. Ora enquanto pelo menos a autocracia não se resolver a aceitar a organização parlamentar genuina, com um ministerio responsavel perante a Duma, serão inuteis as tentativas de accordo e vãs todas as esperanças na solução pacifica da tremenda crise, por que o imperio está passando. Dentro de alguns dias a situação ha-de necessariamente esclarecer-se e então veremos o curso que tomarão os acontecimentos. A firmeza e o bom senso do presidente da Duma, o sr. Golovine, são garantia de que alguma coisa se ha-de tentar no sentido da conciliação. Resta saber até que ponto se póde contar com a sinceridade do sr. Stolypin e do partido que o appoia. E' n'esta sinceridade que está a chave da situação.

Mais uma triste consequencia do criminoso regimen da paz armada e da desconfiança em que a Europa vive, acaba de manifestar-se com grave prejuizo dos progressos da nossa civilização e do adiantamento das relações fraternas entre os povos. O projecto da construção de um tunnel por debaixo da Mancha, para ligar a França e a Inglaterra, acaba de ser officialmente repudiado pelo governo inglez pela bocca de sir Herry Campbell-Bannerman.

A declaração do primeiro ministro inglez significa o golpe de mesericórdia dado no projecto, que não se realizará pelo menos durante a vida da actual geração. E no entretanto francezes e inglezes estavam e estão ainda convencidos de que semelhante ligação seria um passo a mais dado para a fraternização dos dois povos, e promoveria extraordinariamente a prosperidade material de ambos elles. Uma obra de tal magnitude e de tão altos resultados economicos e politicos poderia bem pôr-se a par da grande obra do seculo passado — a abertura do canal de Suez — e da não menos importante que o seculo actual se apresta para levar a cabo — a abertura do canal do Panamá. Valeriam bem mais e seriam bem mais reproductivos os milhões gastos n'esse trabalho de paz do que os que se dispendem n'um *crescendo* louco e vergitinoso para preparar engenhos de destruição e de morte, que na melhor das hypotheses — e ainda bem quando assim acontece! — devem ficar condemnados á ferrugem como socata inutil . . .

Mas acima dos supremos interesses da solidariedade dos povos e do melhoramento successivo das condições materiaes das nações, ha os ciúmes mesquinhos, as rivalidades suspicazes e o antagonismo criminoso dos dirigentes de certas grandes potencias, que ainda em pleno medievalismo intendem para desgraça dos povos, que a grandeza de um estado só póde conseguir-se á custa do rebaixamento dos outros, como se o mundo não fosse bastante largo e não houvesse logar para a actividade de todos.

Assim pela malfadada situação, que a guerra de 1870 creou á Europa, não se fará o tunnel da Mancha apesar da *entente cordiale*, e terá de esperar Deus sabe quanto tempo para a sua realização esta obra grandiosa de paz e de fraternidade, que devia destruir as barreiras, que ainda separavam as duas nações politicamente mais adiantadas do velho mundo.

Oxalá que o sentimento de tristeza e de indignação, com que vae ser recebida por todos os homens cultos a declaração do primeiro ministro inglez, contribua para fazer cessar o regimen da paz armada, responsavel pelo crime de lesa civilização de não se fazer o tunnel da Mancha.

O estado de cousas que tornou necessario adiar *sine die* a execução d'esta obra será um estygma affrontoso, que ficará marcando perante a historia este seculo xx tão differente nos seus começos do grande seculo xix.

Apesar de todos os esforços do governo liberal inglez para esbelecer entre o Reino-Unido e a Allemanha relações mais amigaveis, a rivalidade entre os dois paizes aproveita todos os pretextos para se manifestar cada vez com mais aspereza. Actualmente o

Theatros

D. Amelia, Tina di Lorenzo — A companhia italiana. — **D. Maria, A Marchala.** — **Gymnasio, O Summo da Uva.** — **Trindade.** — **Avenida.** — **Principe Real, Imagem, Melhor caminho.** — **Coisçu dos Recreios.**

Está a deixar Lisboa, depois de a captivar com o seu canto de mulher e de a deslumbrar com o seu talento de actriz, a divina, a formosissima Tina di Lorenzo. Os nossos nervos vibram ainda só de evocar a fascinação d'essa belleza e os extraordinarios recursos d'essa arte. E mesquinhos e acanhados nos parecem todos os louvores que tributemos á empreza do *D. Amelia*, que decerto considerava *manquê* e falha a sua missão antes de nos apresentar a sublime interprete de tantas figuras, das martyres do amor, como a Zaza e a Gauthier, de creanças ideaes como a Suzanna, de imperatrizes amantes como a Theodora, de toda essa vasta galeria creada por ella, que tem o privilegio de dar uma segunda criação, em que o relevo da arte faz projectar sobre o do auctor uma luz nova, ás



Tina di Lorenzo

creações surgidas da phantasia exuberante de Dumas filho, de Goldoni, de Bracco, de Rovetta, de Pailleron, e de tantos escriptores famosos.

Os que não viajam, os que não teem a possibilidade de admirarem nos theatros estrangeiros os artistas grandes e consagrados, são os que maior reconhecimento devem á empreza do *D. Amelia*, que tem trazido a Lisboa as maiores celebridades da Europa, e que fez comprehender aos que nem sequer o julgavam que a Arte de representar tem alguma coisa de respeitavel e de grandioso, elevase ás proporções de uma sciencia vasta, e attinge as culminancias de uma religião augusta, quando os sacerdotes d'ella se chamam a Duse, a Sarah Bernhardt, o Zaconne e a Tina di Lorenzo.

Diziamos e não faltavamos á verdade, Lisboa está ainda sob o intraduzivel encanto d'essa mulher e d'essa artista.

A forma superior por que ella encarna e assimila os personagens que interpreta, porque ouve, e fala, e gesticula, e detalha o seu papel, sem que um pormenor lhe escape, trabalho simultaneo de analyse e de synthese, em que se exhibem em abundancia todos os recursos de que a arte moderna pode dispor, todos esses elementos que ella desdobra em scena para tornar inconfundiveis as suas creações, não se apagam mais da retina nem se dissipam da memoria dos que tiveram a felicidade espirital de assistirem, por assim dizer, ao desfile de todos os personagens da sua galeria.

que serve de thema á nova campanha encetada pela imprensa allemã, é o velho motivo do isolamento do Imperio, em torno do qual a França e a Inglaterra estão trabalhando para estabelecer uma muralha de alianças inimigas. As inquietações da Allemanha já se tinham patenteado, com bastante inhabilidade por signal, quando o tratado anglo-francez, negociado pelo sr. Delcassé, deu principio á *entente cordiale*. Toda a aventura de Marrocos foi da parte do Kaiser apenas uma manifestação de mau humor e a tentativa infeliz de querer desligar as duas nações, colligadas para a defeza dos seus interesses. Este mau humor aggravou-se hoje com a perspectiva de novos accordos internacionaes, que tiram á Allemanha toda a possibilidade de ser para o futuro como o foi para um passado não muito distante o arbitro exclusivo da paz ou da guerra. A aproximação sobretudo da Russia e da Inglaterra incommoda mais do que qualquer outra combinação a imprensa allemã. E comprehende-se que assim seja. Em primeiro logar um accordo entre Londres e S. Petersburgo significa a entrada desde já da Inglaterra no agrupamento franco-russo e a entrada eventual, apenas differida por algum tempo por melindres diplomaticos, da Italia na mesma combinação. Ora esta quadrupla *entente* para lhe não chamarmos aliança, a que deve juntar-se o Japão para as questões do extremo Oriente, significa para a Allemanha a perda irremediavel do seu primado internacional. Na Europa não poderá mover-se, immobilizada pela França, pela Italia e pela Russia, cada uma em sua fronteira. Na Asia menor e no Golpho Persico encontrará a opposição invencivel da Inglaterra e da Russia unidas.

E no extremo Oriente, onde a fantasia do Kaiser tinha sonhado um imperio, talhado no corpo doente da China, terá d'ora avante o imperio allemão que contar com a França, a Inglaterra, a Russia e o Japão colligados e decididos a não lhe permittirem realizar o sonho megalomano, de que Kiao Tchou será a unica recordação.

Não admira, pois, a excitação da imprensa allemã. Simplemente os estadistas de Berlin só teem de se queixar de si proprios. Tanto ameaçaram as outras nações, com tão grande altaneria trataram grandes e pequenos, que acabou por se formar uma especie de liga defensiva das nações europeas contra as ambições germanicas.

A Allemanha está, com effeito, isolada. Mas a culpa foi d'ella e não é ameaçando os ceos e a terra que poderá inspirar a confiança indispensavel, para que as outras nações de novo acreditem nas intenções pacificas de quem só fala de guerra.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Da MUSA ESQUIVA no prélo.

BEMDITA ESPERANÇA

(A Ramalho Ortigão).

Dizem que a vida é torturante e incerta,
Que raro dá, a quem no mundo passa,
Horas azues, e cheias d'essa graça
Que inflamma os corações — e que os desperta...

E emfim parece que eternamente alerta,
Insensivel, — por mais que a gente faça,
Apenas traz em series a Desgraça,
E em fazer-nos felizes não acerta...

Mas — Santo Deus! — o que é a Phantasia!
Basta que em meio d'uma noite escura
Se aviste algum clarão, lembrando o dia,

De prompto surgirá, intensa e pura,
A deslumbrante e vivida alegria,
E logo esquece a todos a amargura...

II

ETERNO DEVENIR

(No Dr. Theophilo Braga.)

Cahos immenso e estranho, aquelle em que vivemos,
Seremos vindos talvez da vasa mais immunda!
E quantos d'entre nós, n'uma afflicção profunda,
Vencidos de cansaço, a custo nos erguemos!

Unamo-nos, porém, e sem cessar pensemos
Que toda a nossa Dôr, bem secular, bem funda,
É quem torna afinal, luminosa e fecunda,
A tragedia que aqui aos poucos escrevemos...

Ou pedra, ou planta, ou astro, imperceptivel sopro,
Da vida inicial que o mais soberbo escopro
Não moldará jamais em forma definida,

Eis-nos subindo sempre em lucta a cada passo,
Vermes, reptis, heroes! Enquanto pelo espaço
Eternamente canta o borbulhar da Vida...

Rffonso Vargas.

E juntamente com a recordação do inextinguível trabalho de Tina di Lorenzo conservar-se ha para sempre na memoria a arte tam bem superior dos principaes artistas d'essa companhia, cujos retratos damos. Falconi, Luigi Carini, e Lassini Rizzotto, bastando



G. Rizzotto

A primeira tem bonitos versos e acção fraca, a segunda é uma bella revelação pelo desenho dos typos e bellezas do dialogo.

No **Gymnasio** o *Sumo da uca*, que o excellente actor comico Cardoso escolheu para a sua noite, é uma das mais engraçadas comedias do theatro inglez, adaptada ao nosso com aquella graça e proficiencia que caracterizam a aptidão especial do sr. Freitas Branco.

E' toda a comedia, uma fabrica de gargalhadas, e Cardoso e Barbara primam entre os artistas que a desempenham tanto pelos



Falconi

estes nomes, a provar que é inexaurível a grande Italia, que hoje, como hontem, como amanhã, ha de ser sempre a mãe fecunda dos artistas, a fonte inexgotavel da Arte.

Nos theatros portuguezes, não ha a registrar durante a quinzena peças novas, a não ser as que representam uma tentativa louvavel por parte de um actor estudioso, que tomou a peito o apresentar aos publicos d'esta cidade comedias e dramas de auctores que comecem, para que esses publicos sancionando ou reprovando os trabalhos d'elles, estabeleçam a facil selecção, de fórma a destacar, para continuarem, os que derem prova de valor, os que comecem bem.

E' o actor Araujo Pereira, — e não ommittimos que temos prazer em publicar lhe aqui o nome, que escolheu para a noite da sua festa no theatro do **Principe Real**, além das comedias já conhecidas: *Novo altar* e *Degenerados*, a comedia em verso, n'um acto, do dr. Alfredo França: *Imagem*, e a de Lucio Camara Reis, estudante da Universidade, *Melhor camião*, em 2 actos.

seus vastos recursos comicos como pelos magnificos papeis que lhes cabem. **D. Maria** fez reviver a *marechala*, em que Anna l'e-reira tem uma das suas mais gloriosas interpretações. Na **Trindade** e na **Avenida** o *Jogo Franco* e as *Favas contadas* vão seguindo a carreira triumphante que as Revistas de anno teem em theatros portuguezes, e no **Colyseu dos Recreios** couberam as honras da semana finda aos dois mais espirituosos e populares clowns que Lisboa tem visto, o Antonet e o Walter, e que tiveram occasião de reconhecer, na noite dedicada á sua festa, as sympathias e a estima que tem pela sua arte especial a população d'esta cidade.

O colossal animatographo, a notavel harpista Pia Carozzi, cuja belleza de mulher a photogravura reproduz hoje n'uma pagina do *Brasil-Portugal* e tantos outros attractivos que teem constituido os espectaculos do Colyseu, provam bem que o commendador Antonio dos Santos é um empresario a que hão de ter inveja os de Paris e de Londres.



Carini



Pia Carozzi (harpista)